

#11 LIJ E DESPORTO

CARLOS PINHÃO

HÉLDER TEIXEIRA

GIANNI RODARI

ASTRID LINDGREN

VIOLETA FIGUEIREDO

ANTONIO GARCÍA TEJEIRO

APROVEITA E EXPLORA

PARA BRINCALHARES

TRINTA-POR-UMA-LINHA FLIX

A CASA DO JOÃO

Tropelias & Companhia
Associação Cultural

REVISTA DE
LITERATURA

INFANTIL E JUVENIL + **FEVEREIRO 2021**

REVISTA TRIMESTRAL ON-LINE. DISTRIBUIÇÃO GRATUITA.
ISSN 2184-1233. DIRETOR: JOÃO MANUEL RIBEIRO

FICHA TÉCNICA

Diretor

João Manuel Ribeiro

Diretor-adjunto

Andreia Abreu

Chefe de Redação

J. José Olim

Design e Paginação

Patrícia Alves

Redação

Lg. Eng. António de Almeida, 30
3.º andar – Sala DD3
4100-065 Porto

Propriedade e Edição

Tropelias & Companhia
Associação Cultural
Rua António Bessa Leite, 1516 C,
3.º Dto / 4150-074 Porto
Contribuinte 508828325

Orgãos Sociais

Mariana Vide Tavares
(Presidente da Mesa da Assembleia-geral)
João Manuel Ribeiro
(Presidente da Direção)
Ana Rosa Tavares
(Presidente do Conselho Fiscal)

N.º Registo ERC 127032**N.º ISSN** 2184-1233**Depósito Legal** 433086/17**Tiragem** 200 exemplares**Periodicidade** Trimestral**Edição:**

Editora Trinta-por-uma-linha

Revisão de Texto

Rita Vieira
Mónica Figueiredo

Estatuto Editorial<https://www.acasadojoao.info/sobre>

CÁ EM CASA:

- 02 NOTÍCIAS
- 03 EDITORIAL
A Hora da Verdade
- 04 UMA HISTÓRIA POR DIA DÁ SAÚDE E ALEGRIA!
Carlos Pinhão
- 06 GALERIA DOS ESQUECIDOS: QUEM É QUEM
Carlos Pinhão
- 08 DOSSIER
O Desporto na LIJ Portuguesa
- 12 FALÁMOS COM
Hélder Teixeira
- 16 UAU!
- Centenário de Nascimento de Gianni Rodari
- A Pippi das meias altas faz 75 anos
- Associação Internacional de Paremiologia
- 24 DOS LIVROS PARA A TELA
Oliver e Benji - A paixão pelo futebol
- 26 A CASA DOS POETAS
Violeta Figueiredo
- 28 LEMOS, GOSTÁMOS E...
RECOMENDAMOS!
- 32 A LER
De que são feitas as histórias?
- 33 OS NOSSOS PARCEIROS
CCA Prémio FMAM
- 34 A PALAVRA É TUA
Concurso Literário Jovem - Ílhavo
- 38 OPINIÃO
Entre a LIX e a Estética
- 40 APROVEITA E EXPLORA
Dicas de escrita
- 42 CURIOSIDADES LITERÁRIAS
- 43 DE VIVA VOZ
- 44 CITAÇÕES PARA PENSAR
- 45 PARA BRINCAHARES



Encontro de Escritores de LIJ

No dia 02 de fevereiro do passado ano de 2020, A Casa do João e a Trinta-por-uma-linha organizaram o I Encontro de escritores de LIJ na Casa Allen, no Porto. Neste encontro internacional, estiveram presentes 3 escritores galegos e 17 portugueses. Sem qualquer temática predefinida, o encontro visava o convívio e o diálogo informal na partilha de experiências e de procedimentos. Prometido ficou um segundo encontro para 2021, mas os condicionamentos impostos pela Covid não o permitiram (ainda).

Curso on-line de escrita criativa para professores

No passado mês de setembro, a Trinta-por-uma-linha levou a cabo uma Masterclass, dinamizada por João Manuel Ribeiro, em que participaram cerca de uma centena de professores do 1.º Ciclo. No final desta Masterclass, inscreveram-se 6 professores, de que, segundo os professores participantes, tem havido bons frutos.

Summit de escrita criativa – 2.ª edição

Ocorreu a 23 de março passado, a 1.ª edição do Summit de Escrita Criativa, encontro on-line e gratuito, de dia inteiro (das 9.30 às 18) com 150 participantes. Os palestrantes foram, além de João Manuel Ribeiro (organizador), Cláudia Mota, Maria da Conceição Vicente e os galegos Antón Cortizas-Amado, Antía Otero e Dores Tembrás. A temática foi a da criatividade na escrita, com o intuito de descomplicar a escrita criativa, recorrendo à transversalidade da poesia, traduzida na poesia grafite e nos vídeo-poemas. Está marcada já uma 2.ª edição para o dia 24 de abril, com palestrantes convidados do Brasil e da Catalunha!

Webinar

No próximo dia 06 de março, João Manuel Ribeiro dinamizará um Webinar on-line e gratuito subordinado ao tema “Os segredos da escrita de poesia para e com crianças”. Com duração aproximada de 2 horas, destina-se a educadores, professores e formadores de escrita criativa, além de poetas e escritores de LIJ. A participação está sujeita a inscrição prévia!

Redes Sociais

A Trinta-por-uma-linha e A Casa do João estão com uma presença regular e contínua nas redes sociais, nomeadamente no Facebook, Instagram, Twitter, YouTube. Visita-nos e segue-nos!

De que são feitas as histórias?

A Trinta-por-uma-linha e A Casa do João publicaram um livro (será, antes, um Caderno), escrito por Maria da Conceição Vicente, com apontamentos de ilustração e grafismo de Bolota.

Desmontar um brinquedo, observar e voltar a montar as peças, na tentativa de perceber como funciona, é um comportamento inerente à curiosidade infantil. Ora, se os livros devem – e quanto a isto não há qualquer dúvida –, partilhar espaço com os brinquedos, porque não ajudar os mais pequenos a desconstruir histórias, para que possam, em seguida, aprender a construí-las? Como escrever/construir histórias é um desafio que carece de acompanhamento, pela necessidade do domínio de vários códigos e da gestão da imaginação, este caderno assume-se como material de apoio na tarefa de mostrar aos mais pequenos de que são feitas as histórias, ponto de partida para a descoberta de futuros caminhos de escrita.

A Casa do João e a Trinta-por-uma-linha

A partir deste número, A Casa do João passa a ser editada em parceria pela Trinta-por-uma-linha, que reformulou o seu site/blog, renovou a sua loja on-line e tem tido particular atividade nas redes sociais, nomeadamente através de lives semanais e da publicação de vídeos no YouTube. Além do trabalho de edição, a Trinta-por-uma-linha aposta agora também no marketing digital para escritores, sobretudo através da atividade do editor, João Manuel Ribeiro.

Formação e materiais

A Casa do João e a Trinta-por-uma-linha apostam na formação de educadores, professores e formadores na área da Educação Literária e, concretamente, na Escrita Criativa. Assim, brevemente, sairão novos títulos, como «De que são feitos os poemas?», de João Manuel Ribeiro e «A Página Escrita», um livro-método de escrita, do escritor espanhol Jordi Sierra i Fabra.

Atraso na publicação

Devido às condicionantes da Pandemia, não nos tem sido possível manter a regularidade trimestral de publicação desta revista. Esperamos a compreensão dos leitores e prometemos «entrar nos eixos» logo que este ciclo pandémico se encerre. A partir deste n.º, esta publicação é apenas digital.



EDITORIAL

Literatura Infantil e Juvenil e COVID-19

Queridos amigos

1. Fomos todos surpreendidos pela aparição do COVID-19 e empurrados para quarentenas e estados de emergência. Também nós, n'*A Casa do João*, estivemos confinados! É por essa razão que nos atrasámos na publicação desta revista. Pedimos, obviamente, desculpa aos nossos leitores, mas tornou-se verdadeiramente impossível manter o ciclo trimestral, no coração do confinamento.

2. Dedicamos este número d'*A Casa do João* ao Desporto na Literatura Infantil e Juvenil. Embora não seja um tema recorrente na LIJ, há, porém, alguns autores com obra significativa no tema, como, por exemplo, Carlos Pinhão, José Jorge Letria, Álvaro Magalhães (com a coleção *Os Indomáveis F. C.*), Nuno Magalhães Guedes (com a coleção *Objetivo Golo*), entre outros.

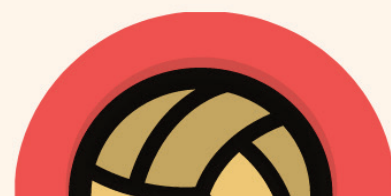
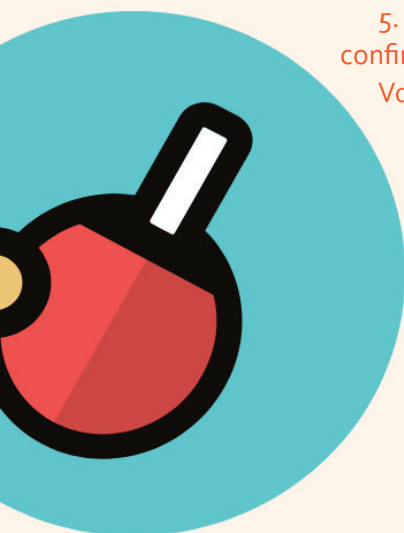
3. Reconhecemos que subsiste uma evolução no tratamento da temática pelos escritores de LIJ, que, em nosso entender, vai da apresentação e valorização do desporto como dimensão do desenvolvimento pessoal e comunitário (muito presente na obra de Carlos Pinhão) até à acentuação (quase exclusiva) da vertente lúdica (em José Jorge Letria e Álvaro Magalhães).

4. Apesar de centrarmos este número na presença do desporto na LIJ, entrevistámos Hélder Teixeira, a propósito do seu original **Boletim da Pauta**, um projeto de reconhecido mérito, que apoiamos.

5. Numa palavra: queremos que as circunstâncias e limitações impostas pelo confinamento não nos desanimem de ler e de amar a LIJ!

Votos de boa saúde para **todos!**

João Manuel Ribeiro



UMA HISTÓRIA POR DIA DÁ SAÚDE E ALEGRIA!

Carlos Pinhão

O MELHOR NADADOR DO MUNDO

O Melhor Nadador do Mundo atirou-se ao mar e começou a nadar, a nadar sem mais parar. O Treinador tinha-lhe dito que só parasse quando se sentisse cansado, mas, como ele não se sentia cansado, continuava a nadar, a nadar, já ia muito longe da costa, de terra já há muito que o haviam perdido de vista, até porque a noite não tardara a cair, já ninguém se lembrava mais do Melhor Nadador do Mundo e ele sempre a nadar, a nadar.

Consideravam-no O Melhor Nadador do Mundo, não só porque nadava com muita rapidez, mas também porque era grande a sua resistência, nunca se cansava, dele se dizia que era homem para nadar dia e noite, noite e dia, sem se cansar. Dizia-se assim por dizer, sem grande convicção, mas a verdade é que, daquela feita, tão bem-disposto se sentia, a previsão estava mesmo a confirmar-se e a única dúvida, agora, era esta: quando pararia, onde pararia.

Como nadava, normalmente, de olhos fechados, O Melhor Nadador do Mundo nem se apercebera de que passara um dia e uma noite, já outro dia e outra noite - e só deu por isso, era noite escura, quando decidiu, a certa altura, passar a nadar de costas e viu estrelas lá no alto.

Nadava agora de costas, porque o Treinador estava longe, não o podia ver, não se podia zangar. O Treinador não queria, de maneira nenhuma, que ele nadasse de costas, porque não era aquela a sua especialidade, porque isso podia afetar a sua «forma», poderia prejudicá-lo nas classificações e nos «recordes»? mas, àquela distância toda, já certamente a milhas e milhas da terra, não havia hipótese nenhuma de o Treinador vir a saber desta desobediência do seu pupilo. E assim, por mais horas e horas e horas, continuou a nadar de costas, até porque já estava cansado de nadar de frente, sempre

mudava, sempre variava e, sobretudo, podendo agora nadar de olhos abertos, sempre ia vendo umas coisas para se distrair: as estrelas, as nuvens, o Sol, as aves marinhas e, de quando em quando, de longe em longe, um barco.

Agora, precisamente, estava a ver um barco, ao longe, e pareceu-lhe um barco esquisito. Foi-se aproximando e, quanto mais perto, mais esquisito lhe parecia o barco, até que se lhe dissiparam todas as dúvidas: era mesmo uma caravela daquelas dos antigos descobridores portugueses de quinhentos.

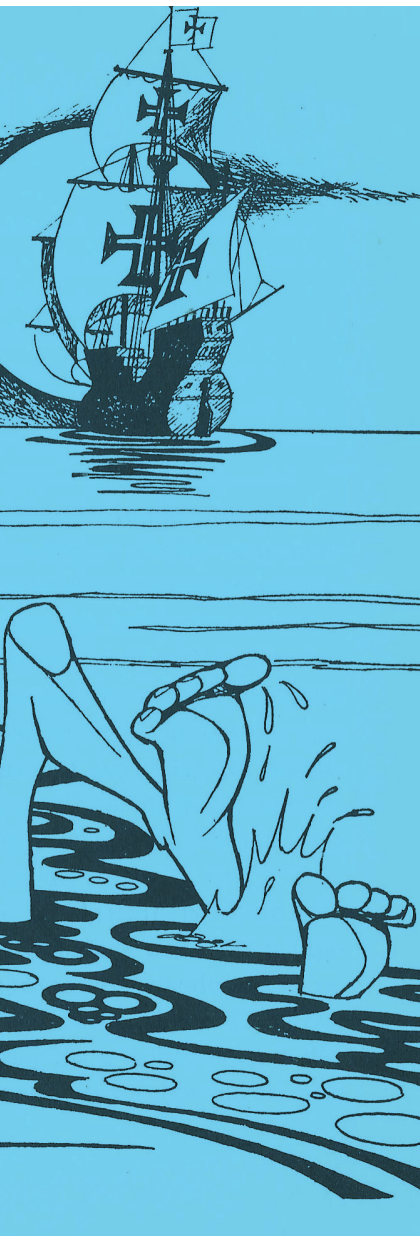
Ficou de boca aberta, bebeu água, foi a primeira vez que parou de nadar, ia jurar que era mesmo Vasco da Gama aquele ia ao leme, acenou, acenou, não o viram, a caravela seguiu e ele ficou naquele espanto, até que se lembrou de uma frase do Treinador, uma frase a que ele nunca ligara nenhuma, mas que se revestia agora de trágica importância.

Dizia-lhe o Treinador, com frequência: «Não nades de costas, homem! Nadar de costas é ver a vida a andar para trás.» E era, pelos vistos... Aquela caravela não deixava dúvidas e ele via agora quão longe o levava a sua desobediência... Por outro lado, também o seduzia aquela incrível aventura em que se via e, para levar o mistério até às últimas consequências, continuou a nadar de costas, ignorando por completo as instruções do Treinador. Entretanto, também o Treinador tomara as suas medidas e, como, desta feita, o Melhor Nadador do Mundo tardava mais do que o costume a regressar do treino, alugou um helicóptero, foi em sua busca e, quando o encontrou, estava ele a ser pescado por um elefante para a Arca de Noé.

(In *Uma Gaivota com Óculos*, 1992. Lisboa: Vega)



INDIVIDUALISMO



Há a formiga que desalinha.

Eu explico:
há o carreirinho de formigas
umas para aqui
outras para acolá
cumprimentam-se
logo seguem
é assim, é a regra, é a norma
mas há também a que desalinha
sai da forma
desirmanha
sozinha
fora da corrida
fora da corrente
anda, para, ciranda
mas sempre só.
Porquê?
A fazer o quê?
A filosofar?
A magicar o quê?

Muito eu gostava de lhe perguntar!

(In *Bichos de Abril*, 1977: Lisboa: Caminho)

JAULA

Um dia, haverá um Jardim Antropológico.
Ao portão uma velha macaca
dirá aos macaquinhos:
- Quem quer comprar amendoim
para dar aos homenzinhos?

(In *Bichos de Abril*, 1977: Lisboa: Caminho)

CROCODILO DE TRAZER POR CASA

Aquilo
do crocodilo
era uma mania
que Madame vestia.

Tinha crocodilo
para todo o serviço
– sapato de crocodilo
– mala de crocodilo
– aplicações de crocodilo
no casaco e no chapéu.
O crocodilo era todo seu.
Ao quilo.
E não se ficou por aqui
digo eu que vi
Madame Reaça
cheia de graça
tirar um frasco da mala
e pôr pinguinhos nos olhos
enquanto explicava
aos circunstantes
reverentes
que não usava óculos (isso era dantes)
usava lentes.
Só que, no Verão
não via bem
secava-se-lhe a vista
e, de aí, o expediente
do frasco lacrimal.

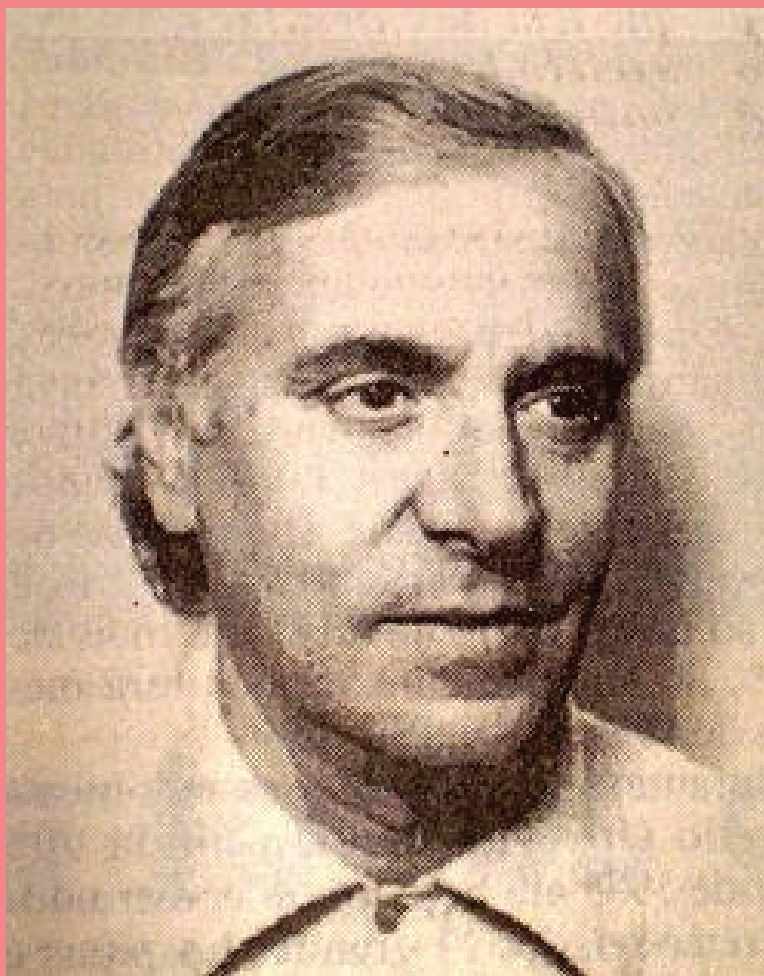
Conclusão a tirar:
eram de crocodilo
as lágrimas também.

(In *Bichos de Abril*, 1977: Lisboa: Caminho)

Carlos Pinhão

O desporto como escola de aprendizagem de competências cívicas fundamentais

1. Nascido em Lisboa a 4 de maio de 1924 e falecido na mesma cidade a 15 de janeiro de 1993, Carlos (Alberto da Silva) Pinhão, frequentou a Faculdade de Direito de Lisboa até ao terceiro ano do curso, enveredando pelo jornalismo, sobretudo jornalismo desportivo, tendo-se estreado em 1944 no jornal "Sports", futuro "Mundo Desportivo" e passado pelo "Diário Popular" e pelo "Século Ilustrado". Em 1955, assumiu o cargo de redator do jornal "A Bola", onde permaneceu até morrer. Escreveu, na qualidade de correspondente desportivo, para jornais de Espanha (*A Marca*), França (*France Soir*) e ainda o *Les Sports*, da Bélgica. Colaborou intensamente em outros órgãos da imprensa regional e nacional, com especial destaque para o jornal *Público*, onde ganharam relevância as suas crónicas sobre a cidade de Lisboa e que lhe valeram o Prémio Júlio César Machado.



2. O primeiro livro para crianças que publicou foi *Futebol de A a Z*, editado pela Direção Geral dos Desportos em 1976. Seguiu-se *Bichos de Abril* (1977), um livro de poemas sobre animais que lhe granjeou um sucesso imediato. Outros títulos foram-se somando entre a poesia e a narrativa, a saber: *Uma Gaivota com Óculos* (1979), *O Professor de Pijama Azul* (1981), *A Onda Grande e Boa* (1981), *Era uma vez um Coelho Francês* (1981), *O Coelho Atleta e a sua Escola de Desporto* (1983), *O Senhor que não Sabia Contar Histórias* (1984), *Vovô Bicho e Sete Recados*, (1984), *Lua Não, Muito Obrigado* (1986), *Sete Setas* (1987), *Balada de Embalar* (1988), *Certo Dia no Deserto* (1988), *O Senhor ABC* (1989), *Abril Futebol Clube* (1991) e *João Campeão* (1994, em edição póstuma).

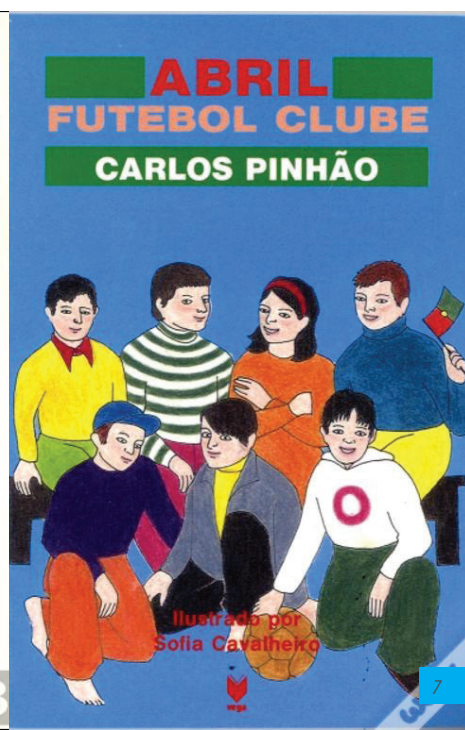
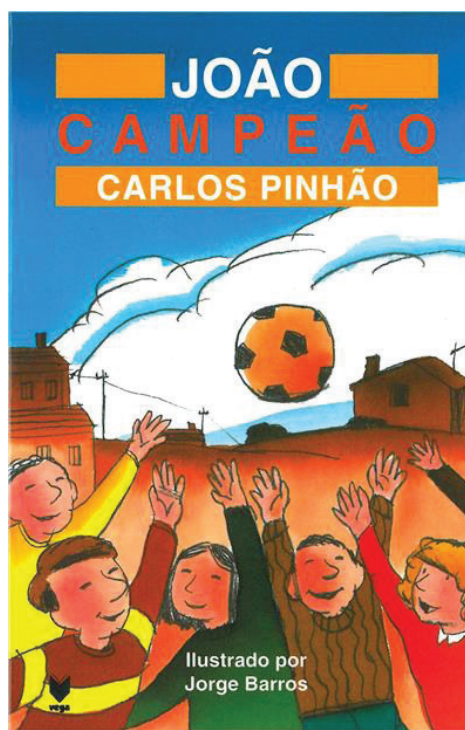
Quinze adivinhas, publicadas no jornal *O Pimpão*, permanecem inéditas à espera de serem editadas em livro. Projetava uma coleção infantil de índole desportiva, intitulada *Agora Que Sou Crescido*, quando a morte o surpreendeu.

3. Carlos Pinhão, a par de outros da sua geração, é um dos autores de literatura infantil e juvenil injustamente esquecido, seja pela qualidade inegável dos seus textos, seja pela quantidade de livros publicados (17) em cerca de duas décadas de atividade literária. A comprovar o esquecimento a que parece votado está a inexistência de edições atualizadas dos seus livros (com a subsequente dificuldade em os encontrar) e de estudos críticos ou literários sobre a obra do autor.

Os textos para o público infantil e juvenil repartem-se entre a poesia e a narrativa, sendo transversal a ambos os géneros a simbiose (mais que a combinação) entre fantasia e intervenção social, entre ritmo e jogo, entre humor e recriação da realidade, numa aliciante convocação de universos ora familiares, ora simbólicos, capazes de aguçar a imaginação e despertar o prazer da leitura. Neste entretecido são identificáveis alguns eixos temáticos transversais à sua escrita: o desporto, como escola de virtudes e de aprendizagem de competências cívicas fundamentais; os animais, como reiterada metáfora arquetípica do comportamento humano, com uma presença evidente em vários livros, como protagonistas ora ativos, ora passivos; o compromisso sociopolítico e o testemunho (de evidente matriz) existencial.

Num estilo escorreito, bem-humorado, com sequências narrativas lineares e caracterização pormenorizada das personagens, marcas específicas da escrita do autor, e com intertextualidades internas (evidentes de livro para livro, seja pela recorrência de temáticas, seja pela utilização de personagens já referidas), a escrita de Carlos Pinhão permite ao leitor decodificar e interpretar a mensagem de forma aliciante e criadora de novos (e gostosos) conceitos e temas.

Carlos Pinhão é um autor que vale a pena descobrir pela qualidade da sua obra ao nível linguístico, retórico-estilístico e ao nível ideológico-interpretativo, mantendo a atualidade e desafiando a capacidade imagética dos pequenos leitores de hoje.



O Desporto na LIJ portuguesa

Alguns casos

1. O desporto como escola de virtudes e de aprendizagem de competências cívicas fundamentais é um dos temas transversais à obra infantojuvenil de **CARLOS PINHÃO** (1924-1993). Desde a obra inaugural, *Futebol de A a Z* (1976), passando por *O Coelho Atleta e a sua Escola de Desporto* (1983), por *Abril Futebol Clube* (1991), por *Carlos Lopes* (1992), por *Humberto Coelho* (1993) e terminando em *João Campeão* (1994, obra póstuma), transparece a sua paixão pelo desporto, sobretudo o futebol, entendido como escola de vida e de virtudes.

Como jornalista desportivo que era, Carlos Pinhão conhecia as grandes problemáticas subjacentes ao desporto, consubstanciadas em documentos e diretivas que se tornaram paradigmáticas, como:

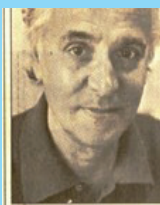
- A noção de “Desporto para todos”, postulada no Conselho da Europa de 1966, que objetiva a prática de atividades físicas e desportivas adaptadas às condições de cada um;

- A ideia de que o desporto constitui uma necessidade fundamental do indivíduo e deve estar ao alcance de todos, defendida no Conselho da Europa de 1970;

- A *Carta Europeia do Desporto para Todos*, de 1975, que constitui um marco nas intenções políticas europeias relativamente ao desenvolvimento do desporto, nomeadamente como “parte integrante dos programas de desenvolvimento cultural, educativo, social e de saúde”, entre outras dimensões;

- A 1.ª Conferência Internacional de Ministros e Altos Funcionários responsáveis pela Educação Física e Desporto, ocorrida em 1976, em que é explícita e formalmente reconhecida a dimensão educacional e cultural do fenómeno desportivo;

- A *Carta Internacional da Educação Física e do Desporto*, que estabelece os princípios gerais de universalidade e individualidade do fenómeno desportivo, adotada em 1978 pela conferência geral da UNESCO.



Continuação da 1.ª página

Uma personalidade invulgar, politicamente definida, indiferente aos ventos da moda, convicta da hipocrisia das sociedades e, por isso, também tantas vezes incómoda para os Poderes constituídos. Confesso-vos, no entanto, a certeza de que há momentos em que um jornalista não é essa máquina insensível que faz notícias segundo as técnicas ensinadas em compêndios. Há momentos em que os jornalistas são homens que devem saber chorar, quanto mais não seja pela noção exacta de que o

jornalismo português perdeu um dos seus maiores expoentes, a cultura portuguesa perdeu um dos seus mais fiéis amigos e este Portugal de tanta gente pequena perdeu um Homem tão grande.

Resistiremos, enfim, a esta nostalgia, a esta saudade forte que se esforça por nos diminuir o ânimo. Em vão. A memória de Carlos Pinhão é bem mais forte e leve-nos a raboquar da certeza de que ele nos deseja a todos animados e seguros dos caminhos que temos vindo a percorrer. Ou ele não tivesse sido, sempre, um Homem do futuro.

VITOR SERPA

Ai que saudades, ai! ai!

JORNALISTA DE ESCOLA ESCOLA DE JORNALISMO

Por ALFREDO FARINHA

MORREU Carlos Pinhão! Quem poderá, com palavras corajosas e recordações que a notícia da morte desse Homem incumem desachado no meu espírito? Não é impune-mente que se é companheiro, amigo, amigo de um Homem desses, discípulo do seu saber, admirador do seu talento, testemunha do seu carácter, beneficiário directo e permanente, durante quarenta anos, dos seus exemplos de competência profissional, de dignidade humana e de preocupações eminentemente sociais, e se recebe, de choque, a comunicação de que o incrível, o inenunciável, aconteceu.

O primeiro impulso é negar, é dizer que não, que não pode ser, como se o grilo de revolta pudesse, ainda, ter o orgulho de fazer recuar o destino, de fazer vergar a decisão do Onipotente, de obrigar o Amigo a reatrasar a

Redacções dos dois jornais em que trabalhamos («Mundo Desportivo» e «A Bola»), já nem precisávamos de muitas palavras para nos entendermos, mesmo quando, porventura, não estivéssemos inteiramente de acordo. Creio que algo de semelhante poderá ser dito por muitos outros jornalistas, mais novos do que eu, espalhados pelas Redacções de vários órgãos de Comunicação Social, aos quais foi transmitindo, vida fora, não só a confiança e o sentido da rigor que comunicava aos jovens candidatos que dele se aproximavam — e eram, sempre, muitos — como, também, a prática e o domínio de uma técnica jornalística que tinha a marca inconfundível de um estilo — o estilo Carlos Pinhão. Não serão muitos os jornalistas que poderão vangloriar-se de, como ele, terem criado, mesmo sem formalmente a terem desejado ou instituído, uma escola. Carlos Pinhão, que até foi professor de vários cursos de jornalismo e a

patrono, porque corresponde a uma realidade concreta, quer profissional, quer culturalmente, do jornalismo português. Muito do êxito espectacular que «A Bola» obteve, ao longo de quase meio século, e que, talvez não por simples coincidência, leve, pouco depois de ele chegar, a sua primeira grande arrancada para um nível de excepção próximo dos outros países latino-europeus, deveu-se, precisamente, aos efeitos de contraste e de complementaridade recíproca entre os estilos dos dois Homens que, durante mais de trinta diários, imprimiram ao jornal as particularidades do seu estilo, do seu ritmo, da sua «escola»: Vítor Santos e Carlos Pinhão. Eles são as duas grandes referências profissionais da minha vida e, igualmente, as duas colunas — tão diferentes na forma e na essência, mas tão semelhantes e complementares na eficácia — sobre as quais assentou toda a estrutura

mar-se dos 200 mil. E ambos sabiam (e diziam) isso um do outro, com a naturalidade e a satisfação de quem se limita a citar um facto evidente e determinante da sua vida. Mas o jornalismo, que, nele, revestiu as formas mais variáveis e inesquecíveis, desde a crónica de futebol à reportagem, da entrevista ao artigo de análise, não foi a única faceta literária deste excepcional cultor da língua portuguesa, cuja pureza defendeu, sempre, com extremos de inflexibilidade — detestava os estrangeirismos, os erros de ortografia, os portapés na gramática, a pontuação de ter sido um dos fundadores do «Círculo da Fala Pronunciada» — pois o seu talento, a sua fome de conhecer e de experimentar novas formas de comunicar com o público, levaram-no a colaborar na leitura de peças teatrais, nomeadamente de revista, bem como na escrita de livros para crianças. E se, na primeira dessas duas facetas, o estilo do



A ÚLTIMA FOTO

Faz ontem um mês, precisamente. A apresentação do livro de Carlos Lopes contou com a participação do Carlos Pinhão a «apadrinhar» o lançamento. Dois Carlos lado a lado, dois nomes que, à sua maneira, ajudaram a construir a história do Desporto em Portugal. Foi a última vez que o acompanhei em serviço e foi, também, a última fotografia que lhe tirei. Foram muitos anos a trabalhar em conjunto, muitas reportagens que ajudaram a consolidar o prestígio de «A Bola». E foi, sobretudo, a história da amizade que nos ligou durante todo esse tempo.

NIRO FERRARI

AMIGO E MESTRE

Por CRUZ DOS SANTOS

POUCOS serão os que estão preparados para a morte. Falo por mim, que o não estou, talvez porque gosto muito de viver. E, no entanto, reconheço que esta atitude não faz sentido, porque equivale ao esquecimento de que o primeiro passo para a morte é o facto de se ter nascido — ninguém cá fica para sempre, todos estamos condenados a partir. Partiu o Carlos Pinhão. Chegou a sua hora. De súbito, de forma inesperada,

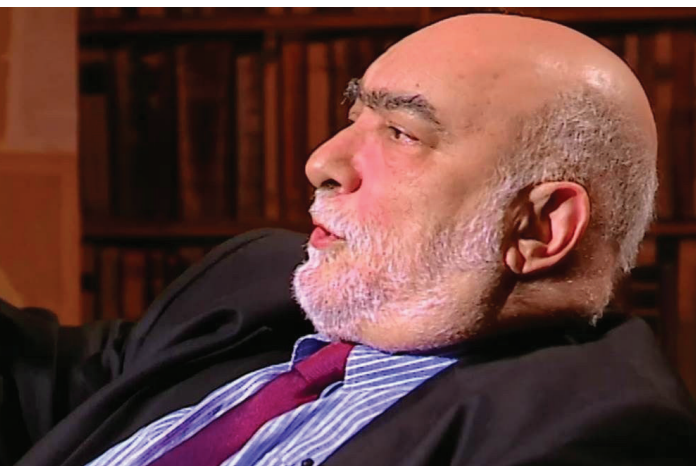


2. Na obra de **JOSÉ JORGE LETRIA**, o desporto assume uma outra dimensão: o humor, patente em títulos como *Histórias de ir à bola* (2000), *Os cromos da bola* (2008), entre outros.

Como bem nota Sara Reis da Silva, em recensão para *A Casa da Leitura*, as *Histórias de ir à bola* «são nove textos narrativos, de índole caricatural e, até satírica, que exigem, logo a partir do momento em que se salta a capa do livro e se chega à primeira página, o envolvimento do pequeno leitor, pois é-lhe sugerido por um pequeno diabo que cole a sua fotografia do dia em que foi à bola. Em pequenos quadros narrativos, construídos a partir de um discurso muito acessível, repleto de vocábulos resgatados à gíria futebolística e com uma forte tonalidade cómica (por vezes, a tocar o anedótico), as surpresas sucedem-se: um árbitro que engole um apito; um cão chamado Pelé que marca um golo; um torneio organizado por Anjos e Diabos; um pombo, solidário com o dono, que demonstra a sua razão; ou, ainda, um célebre almoço entre uma Águia, um Leão e um Dragão, indignados com a forma abusiva como eram usados nos emblemas de três clubes. Ao inusitado das situações recriadas junta-se não só

uma transformação original de algumas fórmulas discursivas idiomáticas (como é o caso do próprio título da coletânea *Histórias de ir à bola*, pela proximidade com «não ir/ir à bola com alguém/ algo»), mas também o uso simples de expressões como «Meia bola e força», que, neste caso, representa o título de um dos contos. Interessante o facto de quase todas estas histórias possuírem um fundo simultaneamente crítico e moralizante.»

Mantém-se o padrão em *Os Cromos da Bola* (2008), onde, segundo Ana Margarida Ramos, em recensão para *A Casa da Leitura*, «partindo do universo futebolístico, dos seus atores principais e das características mais relevantes do desporto-rei, José Jorge Letria recria, com recurso a quadras e a uma dose considerável de humor, um mundo caro aos pequenos leitores. Assim, os protagonistas daquele jogo são transformados em personagens literárias e alvo da análise perspicaz – às vezes mesmo crítica – do autor que os retrata com fidelidade. Desde o craque ao guarda-redes, passando pelo treinador e até pelo presidente do clube, todos são criteriosamente analisados e observados por uma poesia onde o humor, a crítica e realidade se combinam.»



Em *Domingo vamos à luz* (2010), narra-se a viagem que um pai e um filho fazem de casa até ao estádio, em dia de jogo do Benfica. Mas esta viagem, feita com amigos que se encontram numa multidão de adeptos, é também uma viagem pela memória de outros jogos com um avô que deixou saudades. Este é um livro sobre a família e a partilha de experiências entre gerações. Como refere André Amaro, no blog www.ruadebaixo.com, o benfiquismo é composto por inúmeros rituais: vestem-se os paramentos (cachecol e camisola), percorre-se a via-sacra em direção à catedral (com paragens obrigatórias na *roulotte* das bifanas e na estátua de Santo Eusébio), entoam-se fervorosos cânticos (como aquele que faz rimar camisolas berrantes com papoilas saltitantes), sentem-se inexplicáveis êxtases místicos (de que é exemplo aquele recentemente proporcionado por André Gomes). É do mistério desta fé que este livro – todo ele escrito em verso, como o hino de Luís Piçarra – nos dá conta, com o traço de André Letria a transportar-nos prontamente para tardes de banda desenhada, cadernetas de cromos e relatos de futebol.»

3. Já **ÁLVARO MAGALHÃES**, na coleção "Os Invisíveis" (*O Futebol ou a Vida* (2009), *O Último Segredo* (2009), *A profecia* (2009)), alia a aquisição de competências cívicas à dimensão lúdica

do desporto, através de uma série juvenil que tem o futebol no centro da sua ação: os grandes jogos e os momentos de exaltação coletiva, mais os seus bastidores, o que se passa nos treinos, nos balneários, na vida privada dos craques (Hulk, Helton, Cardozo, Saviola e Liedson comparecem nas três primeiras histórias), e também o que se passa nas suas zonas mais escuras e mal frequentadas.

Os protagonistas principais são três jovens "Invisíveis" (assim chamados por nunca se darem a ver), um de cada um dos nossos três maiores clubes (FC Porto, Benfica e Sporting), e que agem por conta de uma organização internacional que investiga os ditos ficheiros secretos do futebol.

Esses "Invisíveis" têm entre 14 e 16 anos (altura em que devem ceder o seu lugar).

As suas ações caracterizam-se pela discrição e a eficácia, os seus recursos são a argúcia, a arte do disfarce e a mais avançada nanotecnologia, nomeadamente um telemóvel de sonho, que executa as funções mais improváveis.

É certo que esta série tocará fundo em todos os jovens adeptos do futebol. Porém, dada a qualidade dos enredos e o modo como eles articulam o jogo com a vida, integrando aspetos da problemática adolescente, como, por exemplo, a turbulência de outras paixões (as quais, frequentemente, colidem com a paixão pelo futebol), "Os Invisíveis" é também uma série recomendada a todos os adeptos da leitura.

A mesma perspetiva aparece na coleção «Os indomáveis», que conta com 11 títulos, a saber: *O mundo é uma bola* (2019), *Nada é impossível* (2020), *Operação Bola de Fogo* (2020), *Amor e futebol em Madrid* (2020), *Contra tudo e contra todos* (2020), *A Superliga é só para super-heróis* (2020), *E agora,*

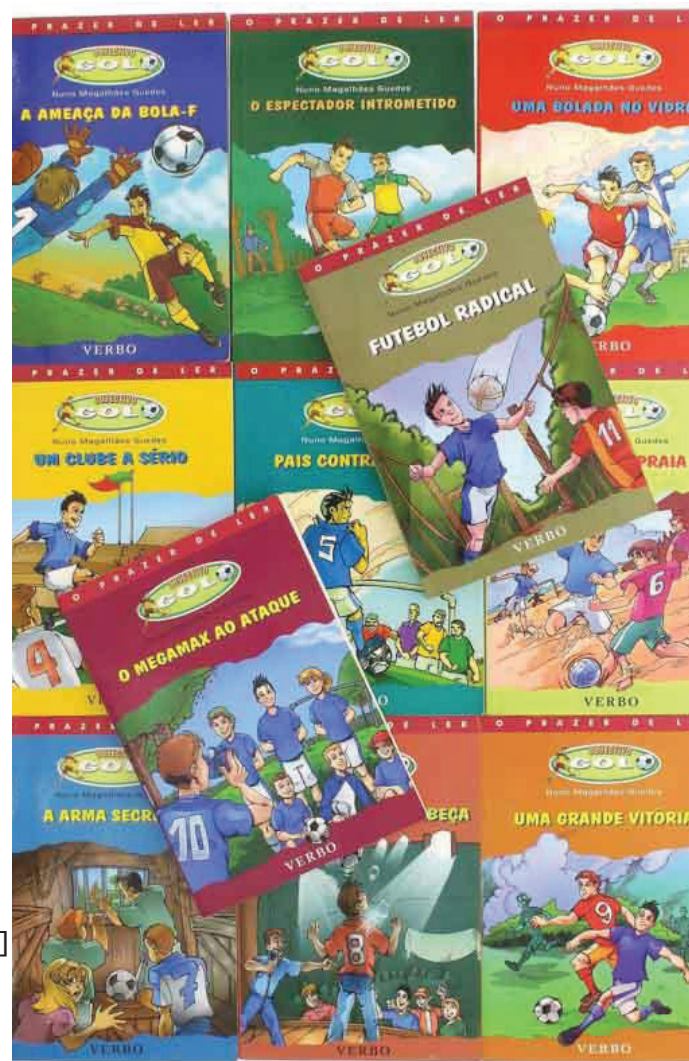




futebol a sério (2020), *Com CR7 na Ilha do Tesouro* (2020), *No México, com os extraterrestres* (2020), *A Guerra das Tribos* (2020), *Não façam a bola chorar* (2020) e *Operação Bola de Fogo* (2020). Tudo começa quando Ricardo e o irmão mudam de casa e procuram, na nova cidade, um sítio onde jogar futebol. Há um clube com camadas jovens e uma boa escola de futebol, mas eles acabam a jogar num descampado com outros rapazes. Em liberdade. "E se fizéssemos um clube?", perguntou, um dia, o Ricardo. E tudo começou nesse momento. Eis, pois, a história contada por ele: uma equipa, um treinador, um nome, um equipamento, um clube: Os Indomáveis F. C. Desde então, *Os Indomáveis* viajam por diversos países, encontram-se com heróis e confrontam-se com situações em que percebe a relação entre o futebol e a vida!

4. Outro caso, testemunho da presença do desporto e, concretamente, do futebol na LIJ, é o de **NUNO MAGALHÃES GUEDES** e da sua coleção *Objetivo Golo*, centrada num grupo de amigos apaixonados por futebol, que, no meio das suas preocupações escolares, querem formar o seu próprio clube. Com cerca de 20 volumes, o futebol aparece entretido com as situações quotidianas na vida dos jovens. Na coleção, o futebol é rei, não deixando, no entanto, uma ou outra vez de conectar-se com outros desportos e atletas!

[JMR]



O desporto como escola de aprendizagem!

FALÁMOS COM...

Hélder Teixeira

A PAUTA É MESMO ISSO, UM PROJETO INCLUSIVO.

Hélder Teixeira nasceu nos últimos anos da década de oitenta e cresceu no limítrofe da cidade do Porto. É o filho caçula de uma família tipicamente portuguesa. É Pai de três maravilhosos filhos. Autodidata incorrigível, é mentor d' "O boletim da Pauta", um boletim de poesia adaptado à deficiência visual.

Dedica os seus dias à poesia, fotografia e música.



Quando é que sentiste esse chamamento e qual o motivo, ou motivos que te levaram a criar este projeto que dialoga com poesia e a inclusão?

O projeto surge da curiosidade pela aprendizagem do Braille. Durante o processo de aprendizagem, como autodidata, percebi que existe uma dificuldade em conseguir material disponível para o estudo, nomeadamente livros transcritos. Eles existem, mas não são assim tão acessíveis. Consegui um exemplar de matemática, por sorte, num alfarrabista no Porto. E desde aí que tenho vindo a nutrir interesse pelo Braille. O boletim da Pauta nasce, sensivelmente, após seis anos de aprendizagem teórica e foi uma forma de ajudar a colmatar uma lacuna encontrada no passado, como referi.

Inicialmente direcionei o projeto para a transcrição de contos infantojuvenis e Poesia, mas por falta de recursos para a transcrição das ilustrações, avancei primeiro com a poesia.

Talvez seja este projeto a minha resposta ao "chamamento" da arte. Fazer algo que contribua, não somente para a minha felicidade, como também para a felicidade dos outros.

No século XIX, Louis Braille criou um sistema de leitura e escrita que permitiu aos cegos a possibilidade de ler e escrever usando a polpa dos dedos. Tu através desse sistema tomaste a iniciativa de criar uma revista de poesia que fosse acessível a todos, inclusive às pessoas cegas ou com baixa visibilidade para poderem ter acesso à poesia escrita. Podes falar um pouco do projeto, quem faz parte dele, quais as parcerias que o envolvem?

Gostava de explicar o nome do projeto, pois acredito que seja uma forma de esclarecer quem não conhece a Pauta.

O boletim da Pauta, é uma edição quadrimestral, relativamente curta, daí a designação de Boletim, e Pauta porque é tudo transcrito com o recurso a uma “ferramenta” com o mesmo nome.

Cada edição conta com a generosa participação de diversos Poetas, através da cedência de um poema à escolha dos mesmos, vão-nos contemplando com uma diversidade muito enriquecedora. Para as capas, crio parcerias com instituições que trabalhem diretamente com jovens e adultos com diversas deficiências para que assim seja possível promover a inclusão. A Pauta é mesmo isso, um projeto inclusivo.

Acredito que a Inclusão é, também, uma forma de amar, assim como a poesia, por isso o “mote” do “O Boletim da Pauta”, A Poesia é para Todos, para que todos tenham acesso.

Qual é o método que tu usas para escrever em braille e quais os instrumentos utilizados?

Todo o processo de transcrição é manual e uso Pautas (de 29 linhas e de 4 linhas), negativas, ou seja, faço a transcrição no verso da folha e da direita para a esquerda (efeito espelho), para criar o relevo nas folhas uso uma punção, um objeto pontiagudo semelhante a uma sovela.

Depois, folha a folha, vou transcrevendo todos os poemas meticulosamente.

Se todo o processo é transcrito manualmente, quanto tempo demora a transcrever um poema? Existe limitação para o tamanho do poema?

Tudo depende da extensão do poema, mas em média demoro cerca de 10 minutos.

Não existe uma limitação no tamanho, apenas uma preferência por poemas curtos para que a transcrição coincida com a impressão gráfica.



Hélder, como é processada a revista? Queres explicar passo a passo como é elaborada até chegar às nossas mãos?

Até a edição estar completa percorro três etapas.

A primeira etapa é estabelecer contacto com os poetas e com a associação para convidá-los a participar no projeto. Alguns contactos são mais fáceis de estabelecer do que outros, mas depois de concluída esta fase e de ter o conteúdo pretendido, avanço para edição dos poemas para adaptá-los à baixa visão, então até ao momento dou por concluída a segunda fase. A terceira e última etapa é a impressão e transcrição de todos os exemplares, possivelmente o processo mais demorado.

Se as pessoas estiverem interessadas na revista vão desejar adquiri-la, qual o meio que utilizas para divulgar e vender a revista?

Habitualmente uso a rede social Instagram para divulgar todos os passos do Boletim.

Atualmente é possível encontrar a pauta na Livraria Poetria, no Porto, e também podem efetuar encomendas através das redes sociais ou por email.

Tenho conhecimento que já foste a escolas a convite de alguns professores. Como é que te sentes quando és apresentado a uma plateia de crianças e jovens?

Na realidade, os primeiros convites surgiram através de pais, que quiseram levar aos mais novos um tema diferente. Desses convites iniciais foram estabelecidos novos contactos, e aí sim com professores, para fazer uma sessão de exemplificação da transcrição e falar também sobre a Pauta.

Estar perante uma sala repleta de jovens, sem filtros, é uma tarefa bastante exigente. Há sempre um misto de curiosidade e boa disposição, e por vezes as turmas ficam bastante agitadas com uma nova descoberta. Tento interagir com eles de forma a evitar que o ambiente não fique aborrecido e também para que as ideias possam ser bem transmitidas. Afinal de contas, estou perante jovens que estão numa fase de absorção sobre tudo que os rodeia.

O meu sentimento no final é de enorme satisfação, pois falar do Braille, é falar de inclusão.

Sentes que eles têm algum conhecimento sobre o tema da inclusão, mais especificamente sobre o braille, ou é algo novo para eles?

Depende da idade. Penso que existe uma noção sobre a temática abordada. Contudo, nunca é demais fazer a devida menção às fragilidades da nossa sociedade no que diz respeito à inclusão.

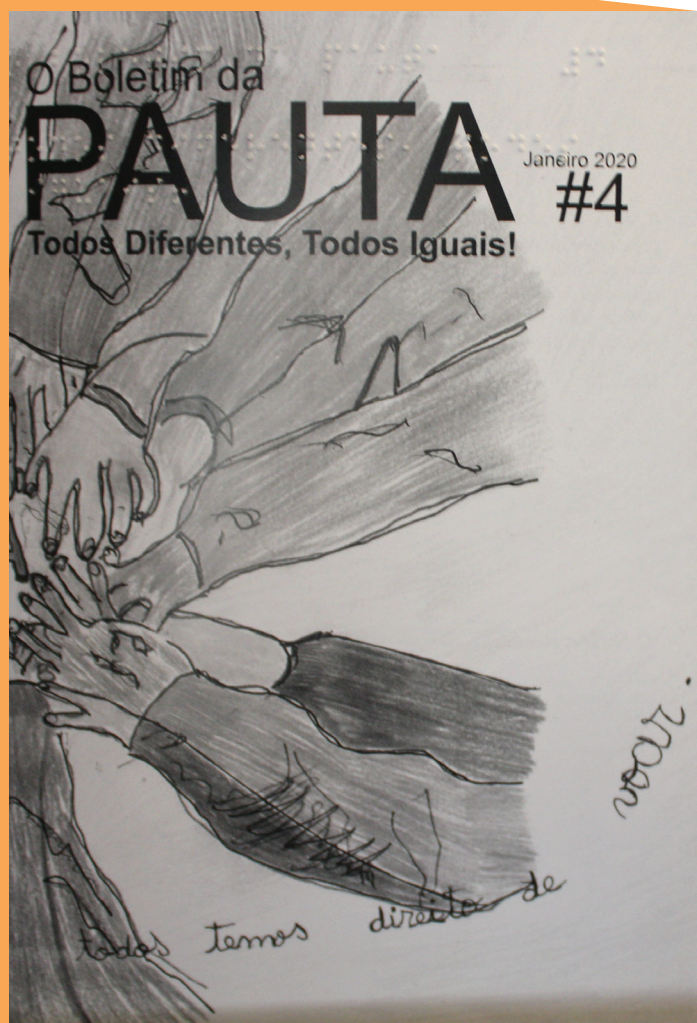
Embora esse seja, também, um trabalho de todos os que estão encarregados de transmitir as bases necessárias para a formação de cidadãos responsáveis.

Já foste apelidado de herói. É assim que te sentes, um herói?

Longe disso!!!! Nem pretendo ser semelhante coisa.

O que faço é apenas uma partilha, nada mais.

Há imensas pessoas que fazem um trabalho de proximidade com a comunidade e que de alguma forma mudam a vida de quem estão a ajudar, esses sim, são verdadeiros heróis.



Com a criação desta revista e tudo o que a envolve, estarás também a contribuir um pouco para a «educação da consciência», de que fala Paulo Freire?

A transformação do mundo não é algo que esteja ao nosso alcance, a nossa permanência em vida é demasiado curta para que seja possível criar um impacto significativo. É essencial ter essa percepção.

Qualquer tipo de transformação de uma sociedade requer uma continuidade na conduta desejada. A criação da "Pauta" pode, no máximo, ser um complemento à vida de quem necessita e uma satisfação pessoal pelo contributo dado aos meus contemporâneos.

FALAR DO BRAILLE É FALAR DE INCLUSÃO.

Teixeira

DEVEMOS TER MAIS CONSCIÊNCIA SOBRE O MUNDO QUE NOS RODEIA

O custo da revista fica inteiramente ao teu encargo?

A minha verdadeira limitação neste momento é no número de exemplares produzidos.

O principal objetivo é que o projeto seja autossustentável, daí o valor cobrado por cada exemplar. Se esse objetivo for uma realidade, considero o projeto um sucesso.

Que perspetiva tens do futuro em relação à inclusão e qual a mensagem que deixarias a flutuar no pensamento das pessoas?

Se todos tivermos consciência da necessidade de praticar a inclusão diariamente, já é um caminho positivo.

Eu estou mais direcionado para o Braille, mas a inclusão é muito mais abrangente.

A mensagem é mesmo essa, devemos ter mais consciência sobre o mundo que nos rodeia, cabe a cada um esse direito e dever cívico sobre o tema.

Se te pedisse para nos presentear com um poema, qual escolherias?

Embora a escolha seja sempre muito difícil, eu escolho um poema do Darío Jaramillo Agudelo "Algum dia":

Algún día escribiré un poema
que no mencione el aire ni la noche;
un poema que omita los nombres de las flores,
que no tenga jazmines o magnolias.

Algún día te escribiré un poema sin pájaros
ni fuentes, un poema que eluda el mar
y que no mire a las estrellas.

Algún día te escribiré un poema que se limite a pasar
los dedos por tu piel
y que convierta en palabras tu mirada.



Sin comparaciones, sin metáforas, algún día escribiré
un poema que huela a ti,
un poema con el ritmo de tus pulsaciones,
con la intensidad estrujada de tu abrazo.

Algún día escribiré un poema, el canto de mí dicha

UAU!

2020 É ANO DE
GRANDES CENTENÁRIOS,
CELEBRAÇÕES E EFEMÉRIDES:
O CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE
GIANNI RODARI,
OS 75 ANOS DA PIPPI DAS MEIS ALTAS,
ENTRE OUTRAS...

GIANNI RODARI é autor de uma obra inovadora e universal. Os seus livros, que incluem contos de fadas, contos curtos, novelas e o famoso ensaio *A Gramática da Fantasia*, têm sido traduzidos e publicados em todo o mundo. A sua arte narrativa, divertida e poética, mostra como a literatura é, acima de tudo, um modo de conhecer e inventar a realidade.

A PIPPI DAS MEIAS ALTAS, cujo nome completo, no original em sueco, é Pippilotta Viktualia Rullgardina Krusmynta Efraimsdotter Långstrump, é a personagem principal de três livros infantojuvenis da autora sueca Astrid Lindgren, editados entre 1945 e 1948. Faz 75 anos!

A ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE PAREMIOLOGIA, com sede em Tavira, cuida das formas breves de que a Literatura é tão fértil, como os provérbios e os aforismos!



CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE GIANNI RODARI

Gianni Rodari nasceu a 23 de outubro de 1920, em Omegna, na Lombardia Italiana, e morreu em Roma, a 14 de abril de 1980.

Teve uma infância difícil. Foi criado por uma ama porque os pais precisavam de trabalhar duramente cuidando de um forno de padaria.

Quando o pai morreu, em 1929, Rodari foi viver com uma tia. Posteriormente, entrou no seminário de San Pedro Mártir, onde permaneceu até os 14 anos. Embora sempre tenha desejado ser músico, acabou por ser professor do magistério italiano, dando aulas particulares. Em 1939, matriculou-se na Faculdade de Línguas da Universidade Católica de Milão, mas não concluiu os estudos. Quando a Itália entrou na II Guerra Mundial, Rodari foi recusado pelo Exército, por saúde frágil. Continuou professor até que, graças à sua vinculação com o partido comunista italiano, começou a viver do jornalismo.

A partir de 1945 decide dedicar-se à política. O partido confiou-lhe a direção do periódico *L'Ordine Nuovo di Varese*, que o levou à descoberta de uma vocação que não abandonará nunca. Começa, assim, uma extensa etapa de dedicação política exercida através do jornalismo, profissão que lhe permite um conhecimento próximo dos problemas e das realidades do povo italiano.

É através do exercício de um jornalismo comprometido, próximo das pessoas mais desprotegidas, dos personagens de rua e marginalizados, das análises sobre a realidade do leitor comum que Rodari chega à literatura. As primeiras publicações literárias no *L'Ordine Nuovo*, são assinadas com o pseudónimo de Francesco Aricocchi, com o qual publicou uma coletânea de lendas populares, *Lendas de nossa terra* e dois contos fantásticos: *O beijo* e *A senhorita Bibiana*.

Posteriormente, sendo cronista do periódico *L'Unità*, publicação milanesa, Rodari descobre a sua vocação de escritor para crianças, quase sem se propor a isso.

“Converti-me em escritor para crianças por acaso. Foi uma necessidade profissional: numa página dominical, do periódico onde trabalhava, necessitava-se de algo para crianças. E assim comecei a escrever narrações. Foi uma descoberta, inclusive para mim, que depois me monopolizou, gostei, incitando-me a compreender que ofício era esse, que sentido tinha.” (Revista CLIJ, no. 36, 1992. Pag. 20).

Começa a publicar narrações curtas, de tom humorístico, dedicadas de maneira genérica à família. Ali nascem suas primeiras *Filastrocche*, quer dizer quadras e ladainhas carregadas de humor, ligadas à poesia popular italiana, tão apreciadas pelos leitores grandes e pequenos. Rodari inventou também poemas e contos curtos que assinava com o pseudónimo de “Lino Picco”. Desta experiência surgem os seus primeiros livros para crianças *Il libro delle filastrocche (O livro das ladainhas)* y *Il romanzo de Cipollino (As aventuras de Cipollino)*.

Rodari começa então uma carreira como escritor de livros infantis, que se consolida definitivamente com a sua vinculação à editoria Einaudi, e que o leva a ser merecedor do maior prémio a que um escritor para crianças pode aspirar, o prémio Andersen, que recebe em 1970.

Sem nunca abandonar o jornalismo, nem a escrita para crianças, Rodari retoma na década de 60, a sua vocação inicial, a de pedagogo, e começa a visitar as escolas italianas para trabalhar com as crianças. Este contacto direto com a visão infantil, não apenas dá uma força imaginativa à sua obra literária, mas também o leva a consolidar a sua maior contribuição para a pedagogia da infância através do seu livro *A Gramática da Fantasia*, de 1973.

“Durante o inverno de 1937-38, depois de ser recomendado por uma professora, esposa de um polícia municipal, fui contratado para ensinar italiano em casa, aos filhos de alguns judeus alemães que acreditavam – acreditaram-no por poucos meses – ter encontrado em Itália refúgio para as perseguições raciais. Viviam com eles numa oficina sobre as colinas junto do lago Maggiore. Trabalhava com as crianças das sete até as dez da manhã. Passava o resto do dia nos bosques, a passear e a ler Dostoiévski.

Um dia, nos *Fragmentos de Novalis (1772-1801)* encontrei a frase que diz: “Se tivéssemos uma Fantástica como existe uma Lógica, ter-se-ia descoberto a arte de inventar. Poucos meses depois, quando descobri os surrealistas franceses, acreditei ter encontrado na sua forma de trabalhar a “Fantástica” que Novalis buscava.” (*A Gramática da Fantasia*).

Em Portugal, Rodari é muito conhecido e apreciado. Grande parte das suas obras encontra-se publicada entre nós.

UAU! 2

A PIPPI DAS MEIAS ALTAS FAZ 75 ANOS

A Pippi das meias altas, a heroína ruiva de 9 anos de idade dos livros infantis, completou 75 anos no passado dia 21 de maio. O primeiro livro de Pippi das meias altas, escrito por Astrid Lindgren, foi publicado em 1945.

A Pippi das meias altas ganhou vida em 1941, quando a filha de Lindgren, Karin, ficou doente de cama por um longo tempo. Lindgren relata que Karin repentinamente dizia-lhe: "Conte-me sobre Pippi Longstocking". Claro, Karin disse em sueco, o que significa que ela pediu uma história sobre "Pippi Långstrump".

As histórias que Lindgren inventou são sobre uma jovem selvagem, mas de bom coração, que morava sozinha numa casa chamada Villa Villekulla. A menina morava com um cavalo e um macaco e estava constantemente a surpreender os seus amigos vizinhos (muito mais normais) com suas aventuras loucas.

Lindgren só começou a escrever as histórias três anos depois de as ter contado à filha. Quando terminou o livro, enviou-o a uma editora conhecida, mas o livro foi recusado.

Lindgren continuou a trabalhar no livro. Em 1945, Lindgren concorreu a um concurso realizado por uma outra editora. A Pippi das meias altas ganhou o



primeiro prémio e o livro foi lançado em novembro desse ano.

A Pippi das meias altas tornou-se rapidamente um sucesso entre jovens leitores, que riram das suas piadas e admiraram a sua coragem e vontade de defender o que considerava certo. Quem não amaria uma «miúda» suficientemente forte para levantar um cavalo e disposta a arriscar a sua vida para salvar crianças presas num prédio em chamas?

O livro era menos popular entre alguns adultos, que consideravam a personagem como um péssimo exemplo. Pippi não ia à escola, vivia sozinha e só seguia as regras que queria. Mas com o tempo, o bom coração de Pippi conquistou os leitores de todas as idades.

Pippi também ajudou a mudar as ideias das pessoas sobre o que as meninas podiam fazer. Pippi foi uma das primeiras personagens de um livro infantil a mostrar uma menina como uma pessoa forte e destemida, que não precisava constantemente da ajuda de meninos.

Lindgren escreveu muitos outros livros, incluindo mais de 30 livros para crianças. Ao todo, vendeu mais de 165 milhões de livros.

Mas a Pippi das meias altas continua a ser a sua personagem mais famosa. Os três livros da Pippi das meias altas foram traduzidos para mais de 75 idiomas e foram transformados em vários filmes e programas de TV.

E por que se celebra o aniversário de Pippi a 21 de maio? Porque o dia 21 de maio é o aniversário da filha de Lindgren, Karin, que sugeriu a ideia da escrita destas histórias.

A VIAGEM É MAIS RÁPIDA QUANDO SE TEM BOA COMPANHIA

Corria o ano de 2005 quando a passagem à situação de aposentação encerrou um longo e gratificante capítulo da minha vida profissional como matemático. A dedicação à causa pública ao longo de um trajeto com quase quatro décadas, em permanente contacto com seres humanos em formação, permitiu compreender o provérbio “Viagem, uma alegria ao partir e duas ao chegar”. A sensação do dever cumprido, o encanto que sempre me fascinou pelas ligações aos mais diversos ramos do conhecimento e, ainda, para ir ao encontro de Albert

leceu o grande compositor Johan Julius Christian Sibelius e onde tinha consolidado amizades pessoais, profissionais e culturais. País de grandes tradições folclóricas, e com uma excelente rede de bibliotecas, rapidamente fui aconselhado a frequentar a Sociedade de Literatura Finlandesa [Suomalaisen Kirjallisuuden Seura (SKS), em finlandês] para prosseguir a investigação em curso. Paralelamente à frequência do Curso Básico da Língua Finlandesa na Universidade de Helsínquia, a decisão de escrever o livro “Provérbios europeus / European proverbs / Eurooppalaisia sananlaskuja” e conhecer o sistema



Einstein quando diz que “A Matemática não mente. Mente quem faz mau uso dela”, levaram-me, como viajante cultural, à procura de uma concretização para o sonho de habitar o espaço e o tempo. A forma de dar continuidade ao serviço de cidadania e, simultaneamente, divulgar a expressão de Carl Friedrich Gauss “A Matemática é a rainha das ciências”, foi encontrada através do estudo científico dos provérbios – paremiologia.

“Mudam-se as matérias, mudam-se os livros” e o local escolhido para iniciar esta nova etapa foi Järvenpää, cidade finlandesa onde fa-

de classificação de Matti Kuusi foram fortes ímanes para o fácil estabelecimento de uma nova e boa companhia: Outi Lauhakangas, filha de Matti Kuusi. Como resultado de sucessivas conversações acerca da temática paremiológica foi planeada a realização de um Colóquio Interdisciplinar sobre Provérbios / Interdisciplinary Colloquium on Proverbs (ICPo7), em Tavira.

A qualidade científica e o sucesso do ICPo7, no ano de 2007, foram unanimemente reconhecidos por um escol de meia centena de académicos (quase todos eles linguistas) em representação de 16 Países de 3 continentes que deram nota de excelência



à organização do ICPo7. Por sugestão desses mesmos especialistas – com destaque para Wolfgang Mieder – nasceu a ideia da criação de uma associação internacional dedicada ao estudo científico dos provérbios. A inexistência a nível mundial de uma instituição para esse fim, apesar das tentativas frustradas conduzidas por investigadores de renome mundial para a concretização dessa ideia, reforçou o propósito de ir por diante. Para tal terão também contribuído a boa cooperação da Câmara Municipal de Tavira na realização do ICPo7, o bom clima, o ambiente cultural da cidade, o excelente acolhimento e, particularmente, as muito favoráveis condições económicas proporcionadas pelos agentes hoteleiros da cidade. Após meio ano de intenso labor, a criação, em Tavira, da Associação Internacional de Paremiologia / International Association of Paremiology (AIP-IAP), em 07 de maio de 2008, tornou-se uma realidade. Foi, então, constituído um primeiro elenco diretivo cuja presidência foi ocupada pela Professora Doutora Maria Gabriela Cabral Bernardo Funk. A partir daí, têm sido eleitos sucessivos elencos diretivos presididos pelo signatário, Doutor em Ciências da Educação; acompanha-o na presidência da Assembleia Geral, a investigadora e paremióloga Doutora Outi Lauhakangas.

A AIP-IAP, constituída por escritura pública, é uma instituição cultural sem fins lucrativos cujo objeto é o estudo da paremiologia (estudo científico dos provérbios) e tem a sua sede em Tavira. A AIP-IAP afirma-se como instituição cultural, estranha a qualquer ideologia política ou religiosa, tendo por missão contribuir para a defesa e promoção dos ideais e princípios da UNESCO através de uma atividade cívica orientada para a salvaguarda do património cultural intangível na área da tradição oral – paremiologia e domínios afins. Ao longo de séculos o ser humano foi deixando a sua pegada ecológica habilmente sintetizada em expressões proverbiais com características comuns a várias culturas. A paremiologia permite, por isso, uma transmissão universal de conhecimentos às gerações vindouras, a que se junta uma grande plasticidade de adaptação a novas situações. Este enorme potencial é assumido e posto ao serviço da comunidade internacional pela AIP-IAP que o usa como uma estratégia inter (cultural + geracional) dirigida a um público-alvo muito diversificado. O foco nos sectores da educação / formação, em cooperação com outros agentes culturais envolvidos de forma sustentável num processo de promoção da paz e da convivência entre os povos num mundo global tem como bússola o provérbio “Assim como semeares, assim colherás”.

Para cumprir a sua missão, a AIP-IAP – única Associação no seu género a nível mundial – assume os seguintes **objetivos gerais**:

- organizar conferências de paremiologia;
- promover a investigação paremiológica e áreas afins;
- realizar estudos de paremiologia em diferentes

sectores de atividades, que se desdobram nas seguintes finalidades:

- encorajar a cooperação internacional entre académicos e associações trabalhando em paremiologia e áreas científicas afins;
- estabelecer programas de ação educativa com entidades oficiais públicas ou privadas, de âmbito nacional ou internacional, destinados à transmissão da cultura paremiológica;
- facilitar o intercâmbio e a difusão da informação paremiológica e de áreas culturais próximas através do estabelecimento de redes informáticas internacionais;
- incentivar jovens investigadores para a realização de estudos paremiológicos visando a defesa e preservação do património cultural dos Países de que são cidadãos;
- organizar ciclos de conferências internacionais com a periodicidade e localização que se revelarem adequadas à valorização da herança cultural paremiológica;
- promover a realização de estudos no âmbito da paremiologia a nível internacional;
- publicar anualmente um boletim informativo - ADAGIUM - sobre o estado da arte da investigação paremiológica a nível internacional;

Para a consecução destas metas e tendo sempre presente a ligação com a vida do quotidiano, foram definidas áreas de intervenção e delineadas estratégias e metodologias de trabalho que impliquem autonomia de pensamento e reflexão na multiplicação, divulgação e valorização de conceitos. Sabemos que académicos, educadores, investigadores, linguistas, professores e outros interessados na temática paremiológica têm mostrado a vontade necessária para que a AIP-IAP possa prosseguir no cumprimento da sua missão cívica. “Toda viagem começa no querer”, ao qual se associa o constante recurso ao domínio da Paremiologia como principal motor e condutor na aproximação intercultural entre gerações e povos. A compreensão havida entre instituições públicas ou privadas, com especialistas e jovens investigadores leva a que a realização de atividades se faça sempre num ambiente de cooperação agradável e útil na sociedade. A expectativa resultante tem ultrapassado em muito a atuação pública dos membros da

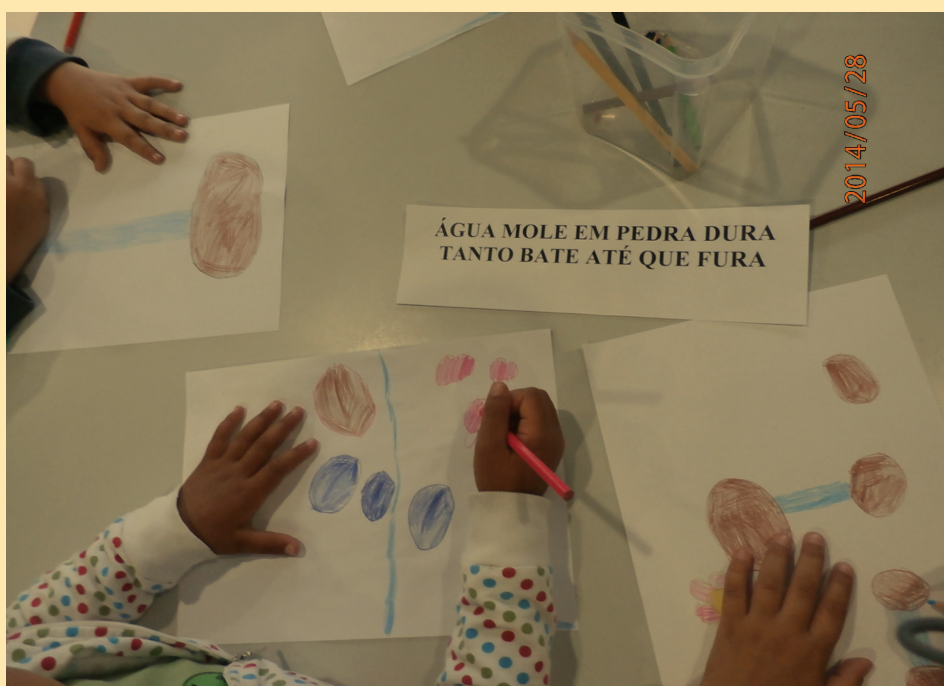
Associação, bem como a apreciação e consideração que os vários públicos-alvo têm feito acerca do potencial paremiológico e sua aplicação em vários domínios do relacionamento humano. A transversalidade proverbial permite criar uma série de ações facilitadoras de uma efetiva interdisciplinaridade, perspetivar pontos de convergência no diálogo intercultural e intergeracional e, consequentemente, ajudar na preservação do património cultural imaterial. “Quem faz viagem, sabe para onde vai” e, estrategicamente, o plano de intervenção de médio e longo prazo compõe-se de atividades distribuídas por:

A1. Sessões junto de agrupamentos escolares como forma de sensibilização à interdisciplinaridade e formação de professores e alunos no que respeita ao aproveitamento do potencial educativo dos provérbios em cada disciplina.

A2. Sessões descentralizadas em várias localidades do País com atividades de animação cultural, pedagógica e social, ajustadas ao perfil de cada público-alvo e fomentando a capacidade de transmissão de conhecimentos de geração em geração e a valorização do património cultural imaterial local.

A3. Sessões calendarizadas destinadas a exemplificar a ligação entre a paremiologia e outras áreas afins através da:

1. Realização de ciclos de exposições em academias seniores, arquivos, bibliotecas, museus, unidades ligadas à restauração, ..., em paralelo com a realização de concertos, palestras, tertúlias, ..., e de acordo com o tipo de instituição.



2. Participação em programas específicos instituídos por Câmaras Municipais, Direção Regional de Cultura do Algarve, em programas pontuais com Fundações e Embaixadas e, ainda, com outras entidades, onde as atividades proverbiais se enquadram.

A4. Publicação de materiais pedagógicos e educacionais da autoria de membros da AIP-IAP, versando aspectos das suas investigações paremiológicas e, também, como produtos que espelham as vivências culturais dos seus autores no contacto com a realidade.

A5. Organização dos Colóquios Interdisciplinares sobre Provérbios / Interdisciplinary Colloquia on Poverbs (ICPs), no seguimento do ICPo7 e concebidos como espaços de partilha internacional. Para

além da divulgação dos provérbios a nível mundial e da preservação do património cultural intangível (PCI) os ICPs têm contribuído para uma maior e melhor aproximação entre pessoas, povos com culturas distintas.

A6. Preparação de visitas culturais à cidade e outras localidades destinadas a dar a conhecer a riqueza patrimonial do nosso País, levando os participantes nas atividades da AIP-IAP e dos ICPs à comparação de distintas realidades.

A consistência deste plano ao longo de mais de uma década, particularmente no que respeita à realização anual dos Colóquios, desde 2007, têm projetado a AIP-IAP por esse mundo fora e fortalecido o crescimento da “Família Paremiológica” que, ano após ano, se reúne em “Tavira, cidade capital mundial do provérbio”. O facto de ter sido em Tavira que uma grande parte dos paremiólogos e paremiógrafos se conheceram pessoalmente deu origem





ao provérbio “Todos os caminhos vão dar a Tavira”. Tais expressões, autênticos slogans publicitários, são acarinhadas pela cidade e os seus dirigentes orgulham-se de acolher a AIP-IAP no seu território, anualmente, os ICPs e apoiar a AIP-IAP pelos serviços prestados em prol da harmonia global. Por toda a atividade resumidamente apresentada a AIP-IAP foi confirmada (em 2016) como uma Organização Não-Governamental (ONG) acreditada para prestar serviço de consultoria ao Comité do Património Cultural Imaterial da UNESCO na área da tradição oral-paremiologia. Por outro lado, a dinâmica empreendida levou a Comissão Nacional da UNESCO a criar (em 2016) o Clube UNESCO de Paremiologia-Tavira (CUP-T), como parceiro privilegiado na comunidade educativa, estimulado pela AIP-IAP e orientado para a promoção de uma cidadania ativa e para a defesa dos valores proclamados pela UNESCO, conscientes de que “Com tempo e perseverança tudo se alcança”.

O período de restrições várias impostas pela presença do Covid19 – vírus co-barde, democrático e invisível que impõe silêncio à humanidade inteira – é, salvo melhor opinião, uma oportunidade para refletir sobre os excessos de sociedade vítima da sua própria conduta. Transformar o ser humano em *robot* controlado

por malfeitores encobertos é negligenciar a sabedoria popular quando recorda “Desvio desconhecido, perigo acrescido”!!! A AIP-IAP e os seus membros sabem acompanhar a evolução dos tempos e adaptar-se às circunstâncias pois “Hoje, como ontem e amanhã, escolhe-se o trilho conforme o milho”. Assim, o uso dos meios tecnológicos permitirá dar um sinal de adaptação às circunstâncias atuais e futuras, ir ao encontro das dificuldades financeiras sentidas pelos participantes e pelas instituições que representam e, ainda, manter a tradição de realizar em Tavira o ICP20, de 01 a 08 de novembro!!! Todos queremos contribuir para confinar a pandemia, respeitando as restrições sanitárias em vigor e, sobretudo, atuando como cidadãos responsáveis que recordam a sabedoria popular: “Se não dominas o vento, orienta as velas”!!!

Rui Soares
Presidente da AIP-IAP/CUP-T



DOS LIVROS PARA A TELA

Oliver e Benji *A paixão pelo futebol*



A série japonesa *Oliver e Benji* marcou várias gerações devido à vibrante paixão pelo futebol incutida, aliada à perseverança e humildade das personagens principais que motivaram vários jovens na altura, hoje míticos jogadores. O nome Lionel Messi diz-vos alguma coisa?

Talvez muitos meninos não associem, mas a série *Oliver e Benji*, deriva de um manga criado por Yoichi Takahashi. Tais escritos foram a base para a série de sucesso nos anos 80, um pouco por todo o mundo. A verdade é que todos os meninos apaixonados por futebol (o desporto rei) ficavam colados à TV e a gritar golo com as personagens.

A série foi transmitida em Portugal em 1993, e depois em 2004, e até hoje é considerada a mais mediática no que ao futebol diz respeito.

Os escritos manga (a origem desta icónica série) surgiram como forma de elevar o futebol no Japão e criar uma cultura futebolística no país.

O autor Yoichi Takahashi conseguiu elevar o futebol e as suas aventuras (e desventuras) até chegar à seleção principal do seu país. Com efeito, os episódios tornaram-se épicos!

Dentro da história, os nossos olhares voltam-se imediatamente para a personagem principal, Oliver Tsubasa, que juntamente com Benji e Tobi Misaki vencem o campeonato nacional de jovens.

Mas, atente-se que nesta caminhada Oliver enfrenta todas as dificuldades inerentes ao futebol. Lesões, desvantagem no marcador, a armadilha do fora de jogo, etc. E no âmbito da superação de cada obstáculo, assistimos a Tsubasa cada vez mais forte e capaz, em constante evolução.

E foi essa empatia com os seguidores da série que a tornam única! Os momentos eram inolvidáveis. Na verdade, os craques da série fizeram o percurso que qualquer jogador enfrenta na vida real.

De facto, a série foi muito mais que um simples desenho animado que dava na televisão para entreter jovens apaixonados do futebol mundial. O projeto televisivo em "Oliver e Benji" constituiu uma forma de trazer a mensagem de *Fairplay*, desportivismo e dedicação a todos os que apreciam o Desporto-Rei.

Algumas curiosidades

No início da história, Oliver Tsubasa tem apenas 12 anos. É esperto, brincalhão e sonha em tornar-se o melhor jogador de futebol do mundo. Acaba de se mudar e quer entrar na equipa de futebol da escola de Nankatsu.

O pai de Tsubasa, Koudai Ozora, trabalha como capitão de marinha e está no mar a maior parte do tempo, por isso, este foi criado pela sua mãe, Natsuko. No entanto, ele tem um irmão mais jovem, Daichi. Com campos intermináveis, defesas mágicas, saltos mortais, assim ficava marcada esta série, que é derivada do manga escrito e ilustrado por Yoichi Takahashi chamado de "Captain Tsubasa" e publicada na famosa revista Weekly Shōnen Jump entre 1981 e 1988.

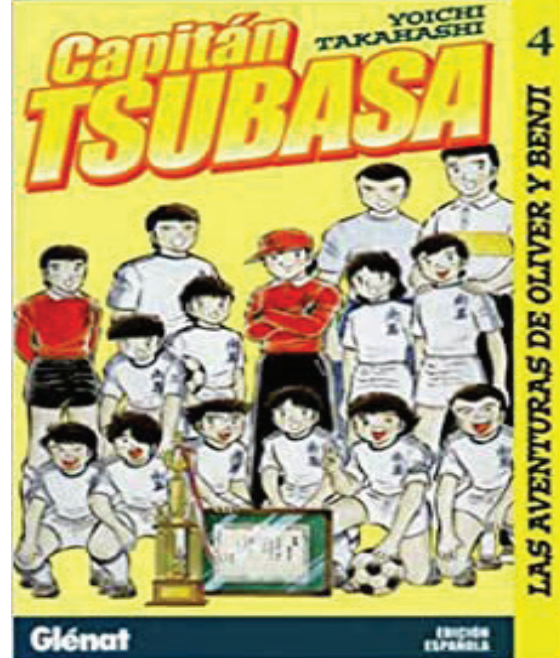
Logo após conhecer o sucesso do manga, a Toei Animation adquiriu os direitos e passou a produzir o anime (ainda inédito no Brasil) que teve um total de 128 episódios e foram exibidos entre 1983 e 1988. Depois dessa série que era um pouco mais infantil, foram produzidas "Captain Tsubasa J", "Captain Tsubasa Road to 2002" e "Captain Tsubasa (2018)", essa última exibida pelo Cartoon Network.

No Brasil, "Supercampeões" (como assim é conhecida no Brasil) estreou a 12 de setembro de 1997 e foi até 27 de setembro de 1998, quando era exibida apenas aos domingos.

Em 2018, um dos maiores portais de informação desportiva da China comparou o golo de bicicleta do futebolista Cristiano Ronaldo, frente à Juventus, com as acrobacias de Oliver Tsubasa, esta personagem de manga japonesa dos anos 1980.

Criada em 1981, a série anime "Campeões: Oliver e Benji" estreou em Portugal em 1993, na RTP2, e foi mais tarde reproduzida pelo Canal Panda e pela SIC. A série de ficção popularizou-se pelas suas jogadas fantásticas e golos e fintas em movimentos acrobáticos.

Segundo um estudo citado pelo sports.qq.com, 70% das crianças japonesas começaram a jogar futebol depois de assistirem àquela série.



VIOLETA FIGUEIREDO



Violeta Figueiredo nasceu na Figueira da Foz, em 1947. Licenciada em Filologia Românica, foi professora do Ensino Secundário. Publicou uma dezena de livros infantis.

Foi guionista das séries "Rua Sésamo", 1.ª e 3.ª séries, e "Terra Instável".

Tem-se dedicado igualmente à investigação histórica.

Na área da literatura para a infância e a juventude, ganhou, em 1990, o Prémio Verbo/Semanário e, em 1991, o Prémio Inapa/Centro Nacional da Cultura.

Várias das suas obras integram as listas do PNL.

Dos títulos que publicou, destacam-se *Marilu Micifu* (s.d.), *Eram Férias e Havia Sol* (1990), *Mistérios em Tempo de Aulas* (1991), *Fala Bicho* (1992), *A Casa da Floresta* (1994), *Os Donos da Praia* (1996), *O Gato do Pelo em Pé* (1997), *A Excursão dos Gambozinos* (2001), *A Verdadeira Vida da Formiga Rabiga* (2001), *Gambozinos Marinheiros* (2002) e *Tempo Maluco* (2003).

Poemas para as Quatro Estações

Para que as plantas floresçam na primavera, é preciso que, antes disso, o inverno as embale na terra, que o outono lhes espalhe as sementes ao vento, que o verão lhes amadureça os frutos. Os animais vão e vêm, conforme faz mais frio ou mais calor, e até nós nos comportamos de maneira diferente, com alegrias e afazeres próprios de cada tempo. Nenhuma estação do ano faz sentido sem as restantes. Bom mesmo é sabermos contemplar a beleza de cada uma delas — essa espécie de poesia de que nos apercebemos não só com os sentidos, mas, sobretudo, com o coração.

Nomeado melhor livro infantojuvenil 2017 pela Sociedade Portuguesa de Autores.

Poemas da Horta e Outras Verduras

Poemas da horta e outras verduras? Mas, será que podemos fazer ou, mesmo, ler poemas sobre um nabo ou uma abóbora-menina?... Claro que sim. Aqui, acima de tudo, brinca-se. Com palavras, com poemas, com histórias. Por acaso — ou não será assim tão por acaso? —, as personagens são da horta, mas poderiam ser outras. E até tu podias entrar neste livro.

São, sobretudo, pequenas histórias que acontecem todos os dias. Para as descobrires, só tens de estar atento... e ter alma de poeta!

POEMAS INÉDITOS

Nada de Nadinha explica-se

Eu, às vezes, quando não falo calo-me.
Calo-me, calo-me, calo-me, cubro-me de calos até me doer a vista e ter de ir ao calista e ser forçado a falar:
“– O quê, cinco euros cada calo?!”
“– São preços tabelados”, responde o calista e fala logo em mercados internacionais e capitais de risco.
Um calista economista jamais se cala, fala, fala, fala, badala como um sino, deixa entupidos os ouvidos dum pobre cliente inocente.
Eu, é fatal como o destino, depois de ir a um desses calistas economistas, tenho de ir ao otorrino.
– Ao otorrino?
– Ao otorrinolaringologista.
– Para quê, Nadinha?
– Para limpar os ouvidos entupidos pelo calista economista.
Saio tão arreliado que me torno a calar um bom bocado, aí um ano ou dois, mas depois assim que reparo, paro, e vou logo ao oftalmologista porque ir logo ao oftalmologista me fica mais barato do que ir primeiro ao calista e depois ao otorrinolaringologista.
– Estás a brincar comigo?
– Estou.

Nada de Nadinha, as serpentes e o cavalo de bronze

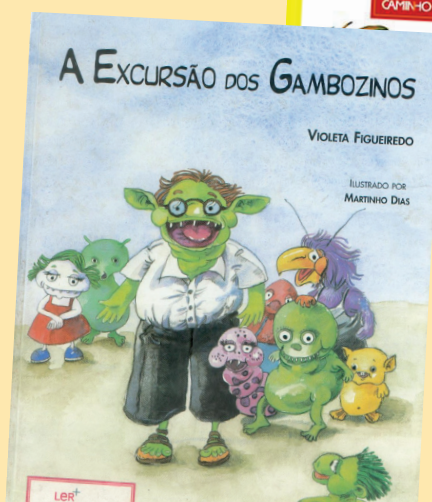
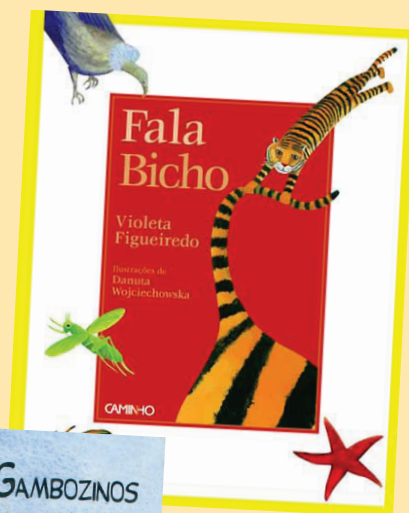
Eis o Nada de Nadinha na estátua do Terreiro a chamar rei D. João ao rei D. José I.
– E agora vai um malhão em honra d’el-rei D. João!

Tanto ele como as serpentes sapateiam bravamente.
Quando embatem no cavalo gritam para o alto, a avisá-lo:
– Pousa a pata, olha o mau jeito!...

Mas o cavalo de bronze nem pensa em largar a pose:
“Ninguém foge à sua pose, é um molde que nos calha...”
Frente ao céu e ao mar da palha mantém a pata no ar e faz a palavras loucas orelhas moucas.

Nada de Nadinha poliglota

Nada de Nadinha arranha um bocadinho de Inglês mas de Francês nada arranha, Francês para ele é Chinês.
Se ele arranhasse o Francês assim como arranha o Inglês, talvez a coisa mudasse e ele também arranhasse um bocadinho o Chinês, o qual talvez se vingasse e com razão o arranhasse...
Isto de ser poliglota, meus amigos, às vezes tem seus perigos!



LEMOS, GOSTAMOS E... RECOMENDAMOS.



QUANDO VOU DORMIR O MUNDO PARA

Quando vou dormir o mundo para, de Leonor Tenreiro,

com ilustrações de Rachel Caiano, é uma lista detalhada e carregada de imaginação do que não acontece quando fechamos os olhos para dormir. Como se o sono colocasse entre parênteses os acontecimentos do nosso dia que se retomam quando acordamos.

Se reparares bem verás que entre o texto da página inicial (“Quando vou dormir, o mundo para mas é que para mesmo”) e o texto da penúltima página (“Até que eu desperte”) há um grande número de coisas que NÃO acontecem: os brinquedos ficam no mesmo lugar, os balões não rebentam, o pai continua a bocejar e a mãe a vestir o roupão, a vizinha fica a meio do gorro do neto, o café do sr. Aníbal não chega à chávena, as bolinhas de sabão ficam no ar sem rebentar, a chuva não molha os carros, os arrepios e as cócegas nunca terminam, os elevadores ficam parados, a comida não fica salgada, o livro nunca chega ao fim, entre outras coisas que não acontecem. Ou melhor: não acontecem por acontecerem na nossa cabeça.

Estranho? Talvez, mas a conclusão da página final faz-nos pensar: “Quando vou dormir, o mundo para, só a minha cabeça é que não”.

Nas ilustrações de Rachel Caiano, cujo estilo já conheces de outros livros da Ilustradora, encontrarás um mapa com informações que completam e alargam o sentido e o alcance do texto, como por exemplo, a indicação das 21:00, as frases “encontra estes desenhos no livro” ou “descobre o intruso”, nas guardas. Ou a ilustração onde um relógio sugere o globo terrestre.

Um livro para ler e pensar!

Leonor Tenreiro (2019). *Quando vou dormir o mundo para*. (Ilustrações de Rachel Caiano). Lisboa: Livros Horizonte!



EMA E A ESTRELA CARENTE.

A história centra-se em Ema, uma menina de 9 anos movida a sonhos e curiosidade. Por mais que os pais e a professora lhe digam para deixar de estar sempre com a cabeça nas nuvens e se concentre nos

estudos, a sua inquietude é maior. Numa noite em que o sono teimava em não vir, a jovem descobre uma estrela que, pelo movimento e luminosidade constantes, parece querer comunicar com ela. Quando decifra que a estrela está perdida na imensidão do céu, resolve ajudá-la na hora, tarefa que leva a bom porto!

A narrativa, quer do ponto de vista do argumento (simples, mas consistente), quer através da articulação das suas (5) partes, é estruturada, e agradável de ler. A aparente densidade do texto é sabiamente matizada por duas ou três estratégias narrativas, suscetíveis de captar a atenção do leitor (autónomo): o evidente humor na descrição de alguns episódios; a convocação do leitor através de perguntas (até sobre o curso da narrativa); os diálogos que, não sendo abundantes, oferecem ao texto o equilíbrio necessário para que se torne dinâmico; a tipologia, aparentemente inconciliável, das personagens com recurso à personificação no caso da estrela e ao realismo imagético no caso de Ema, fascinada pela noite e as suas estrelas. Finalmente, o desenlace surpreendente da narrativa deixa ao leitor a possibilidade de (re) pensar a matéria dos sonhos:

As ilustrações de Carla Monteiro, apesar de figurativas, seduzem pela forte paleta de cores, pela conjugação visual entre universos aparentemente inacessíveis, sem deixar de oferecer, em alguns apontamentos, pontes (não pontos) de vista divergentes do texto, o que enriquece a narrativa e manifesta uma simbiose perfeita entre texto e imagem.

Um livro a ler, sem dúvida! E a partilhar, nem que seja em código Morse!

Sérgio Almeida (2020). *Ema e a Estrela Carente*. (Ilustração: Carla Monteiro). Rio Tinto: Mosaico de Palavras.

CABEÇA DE ANDORINHA.

A primeira coisa que aprenderás com este livro é que é preciso ter cuidado com os nomes que chamas aos outros. É que pode acontecer-te o mesmo que a esta menina (se não fosse a ilustração poderíamos dizer que é um menino) a quem todos dizem que tem “cabeça de andorinha”.

Começou a ver, observar, verificar, investigar, conversar e a descobrir que o significado que as pessoas davam ao que lhe chamavam não coincidia com o que de facto acontecia na sua cabeça: “(...) os meus pensamentos são como papagaios de papel presos por um fio e (...) nunca se perdem, porque há sempre esse tal fiozinho que os prende a mim.”

Outra coisa que aprenderás com este livro é a importância de pensares em assuntos importantes e bonitos e não em pensamentos de grandeza, que não servem para nada.

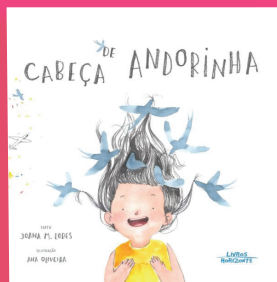
“Os pensamentos importantes são aqueles que servem para fazer do mundo um lugar ainda mais bonito.” (...) As pessoas sensíveis é que deviam mandar no mundo, porque têm cabeças, corações bonitos e olhos que sabem ver as coisas verdadeiramente importantes.”

Nota bem: se tu tiveres cabeça de andorinha ou de pássaro, ou um pássaro na cabeça, uma coisa importante aconteceria: “o mundo ficaria um lugar ainda mais lindo e, claro, todas as gaiolas seriam proibidas.”

As ilustrações de Ana Oliveira são de uma aparente fragilidade, mas se as olhares com os olhos do coração logo verás que na verdade não é assim.

Um livro para leres e conversares sobre ele com os teus amigos!

Joana M. Lopes (2019). *Cabeça de Andorinha*. (Ilustrações de Ana Oliveira). Lisboa: Livros Horizonte.



O GATO MALHADO

Decerto já ouviste a expressão “aqueles são como o cão e o gato” para dizer que não se dão bem e que implicarem faz parte da sua natureza.

Este livro de Clara Cunha (conhece-la como autora de *O Cuquedo*) apresenta-nos um gato malhado que vive no quintal da D. Alzira é um cão patudo que vive no quintal da D. Celeste.

A separar ambos os quintais está o quintal da D. Perpétua.

Ora, certa noite, um estrondo vindo do fundo do quintal da D. Alzira não só proporciona o encontro inesperado e estranhamente amigável entre o gato malhado e o cão patudo como com um pinguim caído duma nave espacial.

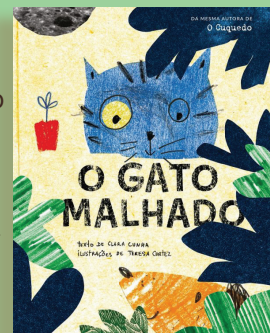
Feita a descoberta de que o pinguim não sabe voar, mas sabe cantar, o gato e o cão, através de episódios rocambolescos confiam o novo amigo aos cuidados da D. Perpétua.

“Uma vez por mês, os amigos juntavam-se no quintal da D. Celeste a contar histórias e a comer biscoitos de cão”, isso “até que um dia, numa noite escura como breu, ouviram um estrondo.”

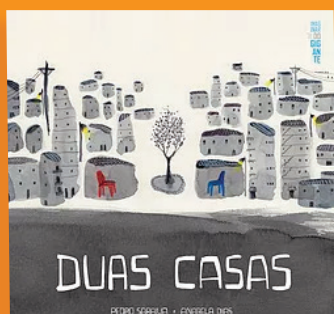
As ilustrações de Teresa Cortez, cheias de cor e vivacidade, destacam-se sobretudo pela ironia e o humor.

A ler, sem dúvida.

Clara Cunha (2019). *O Gato Malhado*. (Ilustrações de Teresa Cortez). Lisboa: Livros Horizonte.



LEMOS, GOSTAMOS E... RECOMENDAMOS.



DUAS CASAS

Duas Casas, texto de Pedro Saraiva e ilustrações de Anabela Dias, é um livro com 7

poemas dramáticos, no sentido literário e literal do termo. Cada poema é o capítulo da grande história das casas, das duas casas: a casa do pai e a casa da mãe.

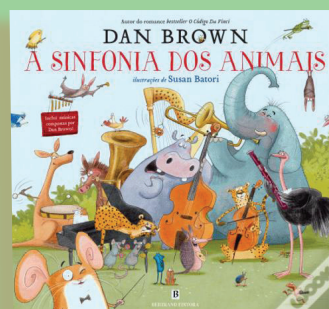
Duas Casas é uma metáfora da situação existencial vivida por muitas crianças na atualidade, que experimentam a incomunicação, que descobrem que «procurar uma casa no mundo é muita distância a percorrer», e que há diversos tipos de casas – casas constipadas e outras por constipar -, e sobretudo, casas em construção (desarranjadas, desencontradas). Crianças com contas difíceis de fazer, que cedo descobrem que «as casas não são nossas, elas deixam-nos lá morar» e que, mesmo a correr, descobrem que numa casa o mais importante é o coração. E compreendem que a sua casa são duas casas... e aprendem a viver e ser felizes assim...

Belíssima viagem poética ao mundo (complicado) de tantas crianças do nosso tempo.

As ilustrações de Anabela Dias completam de cor e harmonia densa a metáfora textual, constituindo ambos uma paradoxal casa comum para o coração dos pequenos leitores.

Edição Bilingue!

Pedro Saraiva & Anabela Dias (2020). *Duas Casas*. S/L: Imaginar do Gigante!



A SINFONIA DOS ANIMAIS

O conhecido autor do romance bestseller *O Código Da Vinci*, aventura-se com *A Sinfonia dos Animais*, pelo

universo da Literatura Infantil e Juvenil.

Com ilustrações de Susan Batori, este livro funciona como um jogo, dado que podemos ler e também ouvir os poemas/histórias que o constituem. Além disso, guarda dentro de si algumas letras escondidas, porque cada história tem letras escondidas na ilustração, que, se postas em ordem, formam o nome de um instrumento musical – e são 19 instrumentos musicais que estão representados nas guardas do livro.

O leitor é, ainda, desafiado a procurar a abelhinha laboriosa que se esconde em todas as páginas do livro e a decifrar uma frase codificada na última página. Refira-se que, nas últimas páginas, que se abrem num grande plano de quatro páginas, a ilustração mostra todos os animais do livro associados aos respetivos instrumentos.

Enfim, um livro para ler, ouvir, descobrir e... brincar.

Dan Brown & Susan Batori (2020). *A Sinfonia dos Animais*. Lisboa: Bertrand Editora.

Trinta-por-uma-linha

FLIX

Tens em casa uns pimpolhos atrevidos, inquietos, curiosos e muito ativos? Ou uns malandremos que precisam de ser espicaçados? Gostavas que eles lessem livros de literatura fantásticos, adaptados à sua idade? Gostavas de os educar pela literatura de um modo lúdico? Gostavas de ter um programa que te ajudasse nesse trabalho educativo? Mas... (há sempre um mas), não tens tempo nem oportunidade para cuidar disso? Ou acreditas que o livro por si só não chega, é preciso mais? Ou, naturalmente, achas que isso custará uma pipa de massa?

Nós temos a solução para ti...

Que te parece se uns malucos que gostam de fazer trinta-por-uma-linha te dessem a possibilidade de, todos os meses, teres disponível on-line 2 ebooks (um de poemas e outro de histórias) para eles lerem ou tu lhes leres? E se a isso juntasses duas músicas infantis retiradas de livros? E se não só tivesses livros e músicas, mas pudesses também dar a conhecer aqueles que escrevem os poemas e as histórias? E se tivesses também histórias contadas por bons narradores para lhes dares a ouvir? E se tivesses ainda oportunidade de fazer uma meditação mensal, a partir de um livro? E se a tudo isto juntares alguns passatempos (sopa de letras, palavras cruzadas, quizzes, etc)? E, finalmente, se pudesses imprimir um cartaz para lembrar/motivar para a leitura?

Neste programa de subscrição mensal, tens acesso a:

2 EBOOKS

(1 de histórias e 1 de poemas)

2 MÚSICAS (ÁUDIO)

de alguns dos nossos livros

2 MEDITAÇÕES LITERÁRIAS

(meditações construídas a partir dos livros da Trinta)

6 JOGOS / QUIZZES / PASSATEMPOS

a partir de livros da Trinta

2 ILUSTRAÇÕES/FOTOGRAFIAS ORIGINAIS

em formato de cartaz (sobre leitura, livros, poesia)

VÍDEOS DE ENTREVISTAS

aos nossos autores (Autores que falam de si) [trimestral]

HISTÓRIA DE LIVROS CONTADAS

por autores e contadores de histórias [trimestral]

Podes aceder a mais informações sobre este programa de subscrição mensal (*membership*) no site da Trinta-por-uma-linha:

<https://trintaporumalinha.com/>

Este programa começa no início do mês de março e é de subscrição mensal - está disponível 100% on-line e **quem o inscrever pode ainda, por esse facto, usufruir de 30% de desconto na aquisição de livros em papel.** Fantástico, não é?

Este programa é suportado por um conjunto de 20 Fundadores que terão acesso gratuito e vitalício ao mesmo!

Vá lá! Anima-te e inscreve este programa de subscrição mensal que te vai permitir fazer Trinta-por-uma-linha!

De que são feitas as histórias?

A Trinta-por-uma-linha e A Casa do João acabam de publicar o **1.º Caderno de Educação Literária**. Trata-se de um livro/caderno, de autoria de Maria da Conceição Vicente, com ilustração e design de Bolota, intitulado *De que são feitas as histórias?*

E a pergunta do título guarda dentro a promessa de que, quem ler e exercitar o que nele é dito, escreverá histórias fantásticas...

Desmontar um brinquedo, observar e voltar a montar as

peças, na tentativa de perceber como funciona, é um comportamento inerente à curiosidade infantil. Ora, se os livros devem – e quanto a isto não há qualquer dúvida –, partilhar espaço com os brinquedos, porque não ajudar os mais pequenos a desconstruir histórias, para que possam, em seguida, aprender a construí-las?

Como escrever/construir histórias é um desafio que carece de acompanhamento, pela necessidade do domínio de vários códigos e da gestão da imaginação, este caderno assume-se como material de apoio na tarefa de mostrar aos mais pequenos de que são feitas as histórias, ponto de partida para a descoberta de futuros caminhos de escrita.

Acreditamos que esta será uma poderosa ferramenta para ajudar os professores que queiram potenciar a escrita e a leitura (criativa) dos seus alunos...

Para os alunos que acedam a este livro/caderno a mensagem é um desafio:

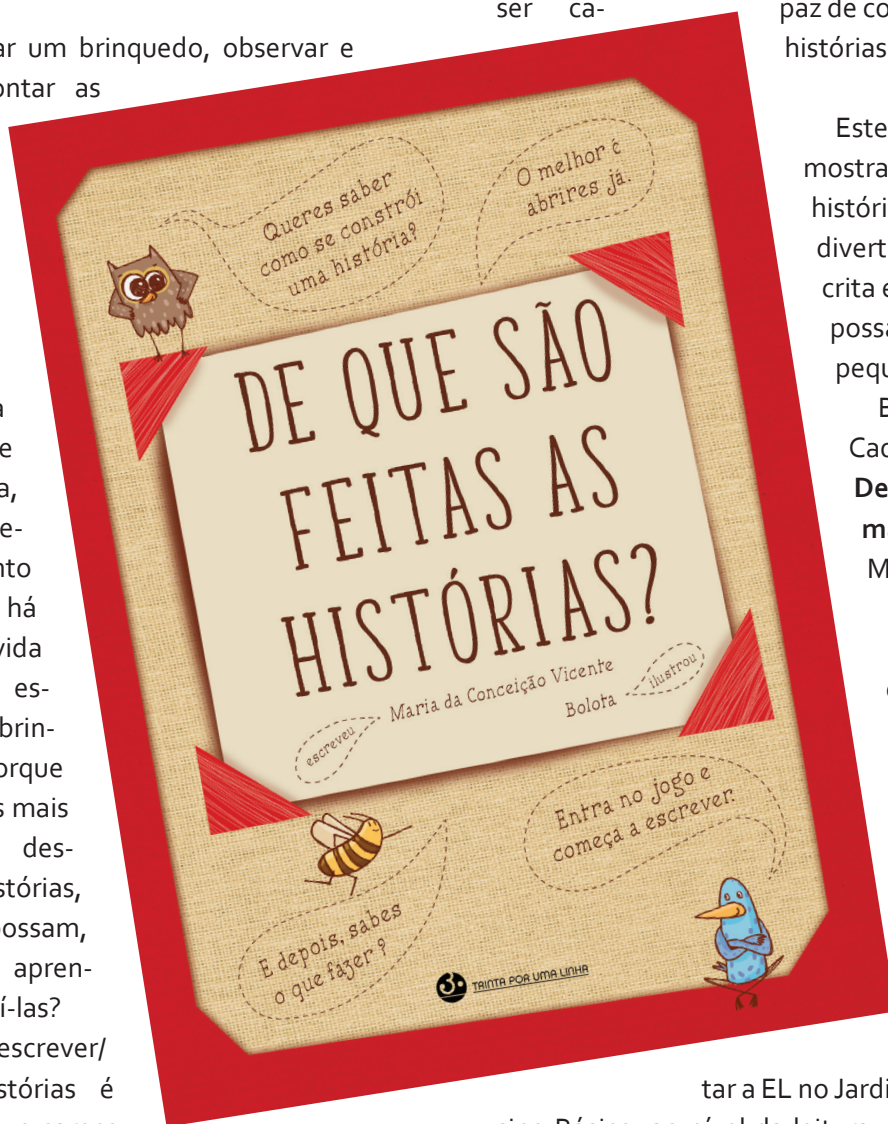
Já pensaste que uma história se pode “desmontar” em várias “peças”, para ver como funciona? E que, só percebendo como essas “peças” se organizam, poderás ser capaz de construir as tuas próprias histórias?

Este caderno, além de te mostrar de que são feitas as histórias, vai proporcionar-te divertidos momentos de escrita e dar-te pistas para que possas transformar-te num pequeno escritor.

Brevemente, sairá o 2.º Caderno, cujo tema será: **De que são feitos os poemas?**, da autoria de João Manuel Ribeiro.

Os objetivos desta coleção de Cadernos são consentâneos com os do PEL - Programa de Educação Literária, programa d' A Casa do João e que visa promover a edição e divulgação de subsídios capazes de susten-

tar a EL no Jardim de Infância, e no Ensino Básico, ao nível da leitura, audição, compreensão e escrita; realizar encontros de formação para pais, educadores, professores, mediadores de leitura e outros profissionais e promover atividades e experiências de EL centradas nas várias dimensões da EL, nomeadamente: a leitura, a escrita e a compreensão.



OS NOSSOS PARCEIROS

O CCA - Centro UNESCO de Amarante vence 1.º Prémio Fundação Manuel António da Mota para Clubes UNESCO



O CCA - Centro UNESCO de Amarante e o Clube UNESCO Cresaçor venceram *ex-aequo* o 1.º Prémio Fundação Manuel António da Mota para Clubes UNESCO "Criar Alicerces na Sociedade, Construir Pontes para a Paz".

O júri constituído por um representante da Fundação Manuel António da Mota, Rui Pedroto, um representante da Federação de Associações, Centros e Clubes UNESCO, Aires Carvalho, e um representante da Comissão Nacional da UNESCO, Anna-Paula Ormeche, considerou que ambos os projetos "são importantes, por permitirem um maior conhecimento e projeção da Rede de Clubes UNESCO, tanto a nível interno como externo, passando uma mensagem de complementaridade e união e procurando debater questões prementes como os direitos humanos e o papel da comunicação social".

O júri decidiu assim, por unanimidade, atribuir o Prémio *ex-aequo* aos projetos Plataforma Digital da Rede Portuguesa de Clubes UNESCO (www.rpcu.pt) e Semana dos Direitos Humanos (iniciativa anual) - O poder da mensagem.

Francisco Laranjeira, presidente do CCA, explica a génese do projeto:

"A implementação de uma plataforma digital que sirva todos os Clubes UNESCO de Portugal é o nosso contributo para o fortalecimento de uma rede que se destaca pela promoção dos valores UNESCO, os seus programas e os seus ideais".

O site pretende dar visibilidade ao trabalho dos Clubes UNESCO na comunidade portuguesa, ao mesmo tempo que dá a conhecer o trabalho da Rede de Clubes UNESCO nos diversos ecossistemas da Comissão Nacional da UNESCO.

Por outro lado, espera-se estimular o trabalho em rede e as parcerias com o setor privado, com a Universidade e demais organizações da sociedade civil.

O Prémio Fundação Manuel António da Mota para Clubes UNESCO "Criar Alicerces na Sociedade, Construir Pontes para a Paz" é instituído pela Comissão Nacional da UNESCO com o apoio da Fundação Manuel António da Mota e visa recompensar os esforços dos Clubes UNESCO portugueses que se destacam, na sua atividade anual, pelo alcance das suas iniciativas em prol da promoção dos valores defendidos pela UNESCO, contribuindo igualmente para os ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

A Fundação Manuel António da Mota (FMAM) constitui o contemporâneo e natural corolário da matriz e tradição filantrópicas do Grupo Mota-Engil, na senda do legado do seu fundador, Manuel António da Mota.

A FMAM é um importante instrumento da política de responsabilidade social do Grupo Mota-Engil, enquanto expressão organizada e sistematizada de uma gestão ética e socialmente comprometida, em nome de uma cidadania empresarial ativa e participativa.

Os Clubes UNESCO são grupos constituídos para desenvolver uma atividade livre e desinteressada em prol dos objetivos e ideais da UNESCO, onde se dá primazia ao gosto pela iniciativa, ao sentido de responsabilidade e ao trabalho em grupo.

A Palavra é tua!

Textos de alunos

O Município de Ílhavo leva a cabo, todos os anos, o Concurso Literário Jovem, uma iniciativa de promoção da escrita entre os alunos de todos os Ciclos do Município. Aqui ficam alguns dos textos premiados em 2020 com o primeiro lugar.

1º Prémio – 1º Ciclo

A PÉTALA DA ROSA

Uma pétala rosada
Separou-se da sua flor.
Era uma bela rosa
Num canteiro cheio de cor.

Várias flores à sua volta,
Eram todas de encantar.
Eram tão belas as cores
Que não me cansava de olhar.

Um certo dia,
A pétala teve de voar
Com a ventania
Que passou naquele lugar.

A pétala, de mansinho,
Foi pousar suavemente
Nas mãos de uma menina
Que a agarrou docemente.

A menina, encantada,
Dentro dum livro a guardou.
Depois de muito tempo,
Perfumada a pétala continuou.

Seu destino era perfumado,
Mesmo separada da sua flor.
Por isso, perfumou o livro da menina
Que a guardou com muito amor.



A beleza de uma pétala,
De uma rosa perfumada
E o amor de uma menina
Tornam a vida encantada.

A bela menina
Da pétala não se separou.
Aquele amor indestrutível
Sempre a acompanhou.

Maria Luísa Nunes de Sousa
Escola Básica de Farol da Barra



1º Prémio – 3º Ciclo

A CIDADE DE CABEÇA PARA BAIXO

Era uma cidade como tantas outras...
Tudo estava triste,
O dia inteiro a suspirar.
O que se estaria a passar?

Numa azáfama desenfreada,
Com os telemóveis sempre a tocar,
Para trás e para a frente,
Nem sabiam por onde andar.

Porquê tanta correria?
Viver merecia mais alegria!
Mais tempo para contemplação...
Assim, NÃO!

Que maçadora cidade,
Que semblantes tão sem graça!
O que está a acontecer-te, cidade?
Oh, mas que grande desgraça!

Mas haverá solução?
Como ajudar esta gente?
Talvez a única opção,
Seja um olhar para o antigamente!

Maria Carlos Silveira Sá Duarte Ferreira

Escola Secundária da Gafanha da Encarnação



1º Prémio – Secundário

TESOURO MEU

Lá estás tu no teu cantinho
como sempre, em silêncio e sossegado
e eu observo de mansinho
para não ser apanhado.

Permaneces quieto, consciente do teu valor,
com postura firme e resolvida,
e eu olho, com amor,
querendo-te na minha vida.

Com forma bem definida,
textura uniforme e macia,
existência nada aborrecida,
repleto de sabedoria!

Cheguei mais perto.
Muito perto, por sinal.
Duvidei que estivesse certo.
Arrisquei, não havia outro igual...

Toquei-te com cuidado,
com a ponta dos meus dedos
e, de repente, assustado,
descobri alguns segredos...

Toda aquela austeridade
que me parecias ter
era apenas ansiedade
do que tem muito a dizer.

E a capa dura e fria
como um escudo protetor
era apenas fantasia,
beleza e muita cor!

Finalmente te abri.
Cheiravas a alfazema
e toda a riqueza que vi
era sobre o mesmo tema.

Tantas memórias contadas
pelo autor que as escreveu,
neste livro ficarão gravadas
como um tesouro que, agora, é meu...

Luísa Rodrigues Vilarinho

Escola Secundária da Gafanha da Encarnação

A Palavra é tua!

1º Prémio

TIANA E OS SAPOTIS

Era uma vez uma princesa que se chamava Tiana e queria ter mais liberdade para descobrir o mundo que a rodeava. A Tiana vivia num castelo com a mãe, a rainha Joana, e o pai, o rei André.

O castelo onde eles viviam situava-se num reino verdejante, com imensas pessoas e lugares maravilhosos, como o Jardim-das-flores, o Bosque municipal e o Parque das Camélias, entre muitos outros lugares fantásticos.

A Tiana podia ir a todos estes lugares com guardas, mas estava impedida de passar os limites do reino. Não entendia porque é que os pais não a deixavam sair. Falavam-lhe dos Sapotis que viviam em redor do reino. Mas ela nem sabia o que eram os Sapotis! Tanto insistiu com os pais, que estes lhe contaram a história do início ao fim.

Contaram-lhe da luta que tiveram anos atrás contra os Sapotis, por causa da floresta onde eles moravam. O rei André queria anexar aquela floresta ao seu reino.

A Tiana não achou justo que os pais quisessem apoderar-se da floresta dos Sapotis. Decidiu, então, numa noite sem ninguém saber, ir pedir desculpa aos Sapotis pelo comportamento dos pais. Não achava normal os vizinhos estarem chateados.

Não viu ninguém e decidiu chamar:

— Sapotis, sapotis, sapotis...

O chefe dos Sapotis, o Grande Sapotis, quando ouviu chamar, berrou aos seus soldados que apontassem as armas ao inimigo que chamava. Quando se aproximaram, viram que era a filha do rei André e da rainha Joana. O Grande Sapotis perguntou com uma voz grave:

— O que fazes aqui?

Tiana respondeu:

— Venho aqui pedir desculpa pelo comportamento dos meus pais! Soube recentemente que os meus pais tentaram apoderar-se da vossa floresta! Como futura rainha, venho apresentar as minhas desculpas! Quero que se possa viver em paz nos nossos reinos!

O chefe disse:

— Vemos dentro de ti uma verdadeira rainha! Conta connosco para viver em paz daqui em diante!

Desde esta primeira visita, os dois povos ficaram em paz e visitavam-se regularmente. Não houve mais problemas entre os Sapotis e o reino da princesa Tiana e até se conta que os Sapotis adoram visitar o Parque das Camélias quando estão em flor!

Rita Matos Fernandes

Centro Escolar da Coutada



1º Prémio – 2º Ciclo

A GAIVOTA

Era uma vez uma gaivota que sabia falar português. Essa gaivota estava a cantar quando eu a encontrei.

Fui ter com ela, mas estava muito assustado. Ela viu-me e disse-me:

— Não te assustes, eu sou só uma gaivota solitária que aprendeu a falar.

— Porque é que és uma gaivota solitária? — perguntei ainda um pouco assustado. — És tão boa a cantar!

E era. Parecia mesmo a Ruth Marlene a cantar (especialmente porque estava a cantar *A moda do pisca-pisca*).

— Ainda bem que fizeste essa pergunta! — começou. — Eu ainda era uma cria quando fui levada pelos humanos. Meteram-me um *chip* na asa para saberem sempre onde eu estava. Os meus pais nunca me ligaram muito. Desde que saí da casca todas as gaivotas me ignoram, mas eu também não sei a língua delas, para lhes poder falar. Eu só sei falar português e francês e só sei falar essas línguas porque ouço bem as pessoas. Eu já tive dois tratadores: um no ECOMARE e o outro no Oceanário. O do ECOMARE era português e chamava-se David, o do Oceanário era francês e chamava-se Pierre. O Pierre falava fluentemente português, mas quando estava comigo desabafava em francês. O David ensinou-me trava-línguas e eu comecei a decorá-los porque assim aprenderia melhor a...

— Mas porque é que és uma gaivota solitária? — interrompi.

— Eu sou uma gaivota solitária porque não sei falar gaivotês, entendes?! — respondeu já um pouco frustrada. — A minha família sempre teve dificuldades em compreender-me devido às línguas que eu falava, o francês e o português. Então nunca consegui fazer amigos.

— Pois agora tens um! — disse eu.

— Quem? — perguntou ela.

— Eu, é claro! Quem mais havia de ser?! E vou ensinar-te a falar gaivotês.

Levei-a para casa, mas com uma condição: ela não podia falar junto dos meus pais, tinha de ser uma gaivota muda. Tenho a certeza de que se ela falasse ia ser levada para um laboratório para ser estudada.

— Lembra-te, não podes falar! — lembrei.

— *Oui! Oui!* — disse ela.

Pelo caminho, ainda lhe perguntei:

— Quando já souberes falar fluentemente gaivotês, queres voltar para junto da tua família ou ficas cá?

— Depois vejo. *Je ne sais pas encore* — respondeu.

— O que é que isso significa? — estranhei.

— Ainda não sei — disse ela.

Passados cerca de sete meses, a gaivota já falava fluentemente gaivotês, então levei-a à praia e perguntei-lhe:

— Vais ou ficas?

Ela respondeu-me assim:

— Vou e é já. Tenho 95 anos e sou um velho sábio. O que tu fizeste foi fantástico. Por mim passaram mais oito miúdos da tua idade e nem quiseram saber. Tu tiveste medo, mas vieste. Por isso, antes de partir, vou conceder-te um desejo.

— Bem, há uma coisa que eu gostava muito que acontecesse... Eu faço anos daqui a 15 dias. Eu desejo ardentemente ter uma festa de anos como as que tinha antes. As festas em que eu podia conviver com os meus amigos, abraçá-los e também à minha família.

— O teu desejo será realizado — disse ele, enquanto se desfez em pó e se misturou com a areia.

Passados 15 dias, eu acordei de forma diferente. Acordei com o barulho da campainha a tocar. Desde que ficámos em isolamento social, nunca mais ninguém veio cá a casa e tocou à campainha. Fui ver quem era. Era o meu melhor amigo João. Mal pôs o pé dentro de casa mostrou-me o jornal do dia e disse:

— Amigo, eu não sei o que aconteceu, mas o número de casos positivos baixou para zero em todo o mundo! Já não há COVID-19!

— Não acredito! O sábio é mesmo mágico!

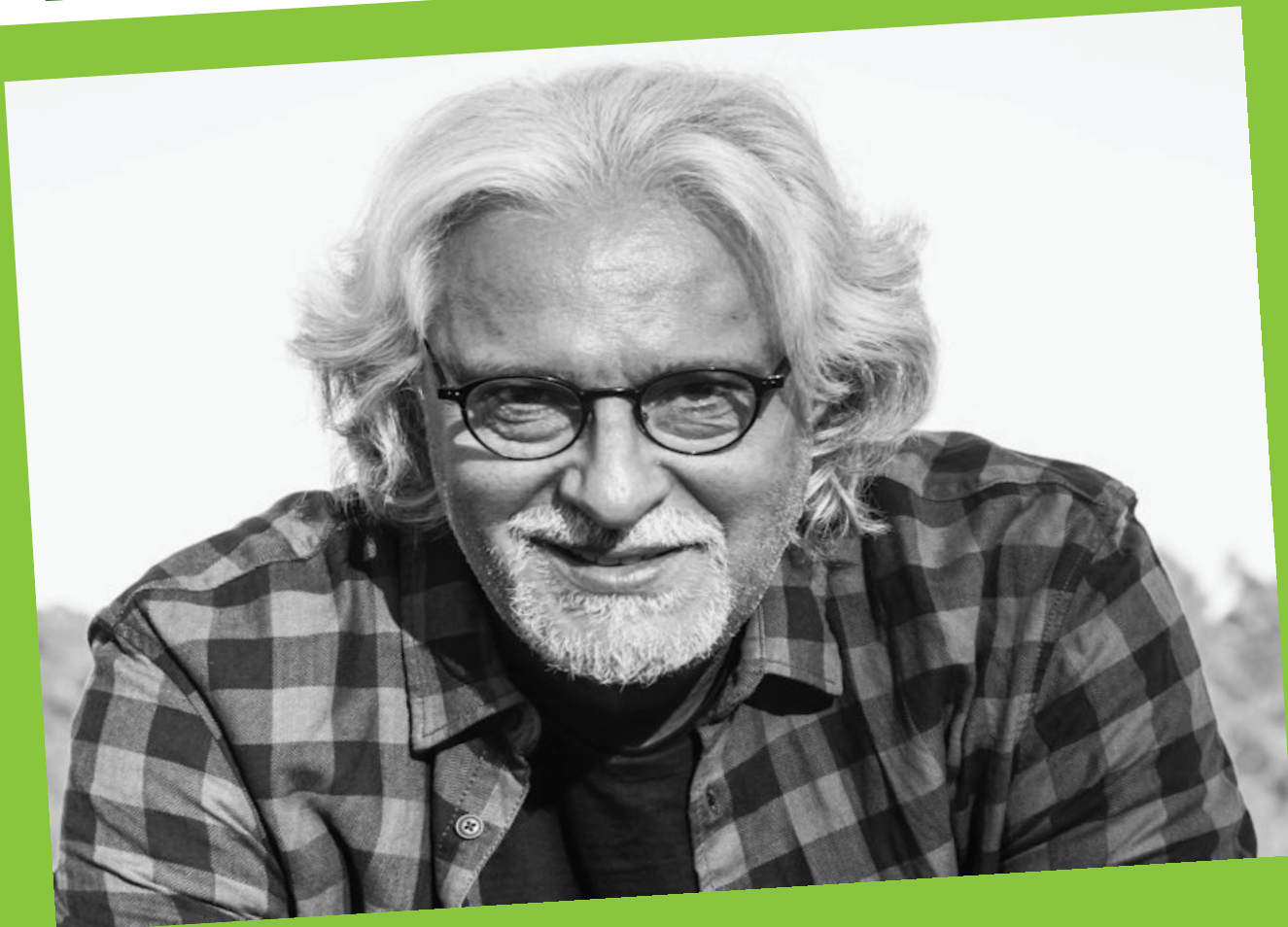
— Hã??? — disse o João sem perceber.

— Nada, nada. Vamos mas é preparar a minha festa de anos, enquanto os outros não chegam!

Maria Ramos Figueiredo

Escola Básica da Gafanha da Encarnação

ANTONIO GARCÍA TEJERO



Dende o meu punto de vista, a Literatura infantoxuvenil ten que posuír certas características indispensables para penetrar no lectorado e xogar o papel que debe na formación integral dos cativos/as,

Dúas desas características (que engloban boa parte deste obxectivo) son a ética e a estética. Ética e estética son dúas caras da mesma moeda. Se os escritores imos na procura dos valores intrínsecos da estética, xa comezamos a ser éticos, pois facer arte da palabra debe ser un compromiso ineludible. A arte humaniza.

Se un escritor ou escritora non contempla algunha destas características está a adulterar o discurso literario honesto que debe conter toda obra literaria.

E se falamos de ética na escrita, estamos a falar de autenticidade literaria, de ser fiel ao compromiso do autor/a coa literatura, de non ser infiel sobre o concepto que o impulsou a escribir, para facer que a literatura sexa unha arte disposta a acadar lectores competentes,

abertos, tolerantes, emocionados, reflexivos perante textos que abren camiños na vida.

O escritor ético debe crear un discurso coherente coa súa forma de pensar a literatura, pero nunca escribir ao servizo dunha teoría e reducir a súa obra a unha arma para manter teorías particulares que o afasten da literatura libre de superficialidade. É importante que, exista un compromiso íntimo de atracción lectora sen traizoar a nosa voz literaria para seducir o lectorado, porque, se así non for, menospreza tanto ese lectorado coma a si mesmo. Hai que manter a honestidade da escrita á marxe de modas. Só un discurso ético dá valor ao que se escribe.

A LIX ENTRE A ÉTICA E A ESTÉTICA

Nesta dirección apunto que o escritor/a:

- ha de ser honrado consigo mesmo.
- non vale calquera cousa para os nenos/as
- debe ser esixente literariamente e non baixar a calidade da escrita en ningún momento.
- debe escribir pensando que vai proporcionar pracer e que os lectores se divir- tan dun xeito intelixente; que pen- sen, debatan, reflexionen e haxa unha posible transformación antes e des- pois de ler un libro.
- debería fuxir do panfeto e creará o seu traballo con intelixencia literaria.
- é fundamental para min que un texto li- terario provoque preguntas para que o lector busque respostas.
- non me gustan os textos melindrosos e sensibleiros que fan do neno/a un ser de segunda categoría, porque non o son.
- non me gustan os libros utilitaristas que son como libros de autoaxuda disfraz- dos de literatura.

Eses que teñen unha finalidade por riba do autenticamente literario: libros para perder o medo, para non ouriñar na cama, para dirixir sentimentos e comportamentos, aqueles que non saen dos lugares comúns e que tanto empobrecen e adornan a literatura.

Un libro ético é aquel que se debe á literatura sen adxectivos; esa literatura que fai do ser humano o que é. Unha persoa en constante evolución formativa e que, a través da estética, lle permite medrar por dentro.

E xa que nomeo a estética, falo da beleza dos textos (coidados, correctos, limpos, directos, provocadores de sentimentos serenos, cheos de contidos...)

Non me gustan os textos baleiros, de fogos de artificio que non provocan case nada. Textos sen fondo, superficiais. Textos illados de emoción, tramposos no seu planteamento.

Emoción, palabra clave da estética. Qué é a literatura sen emoción? E non digamos a poesía? Unhas construcións artificiais que non conducen a case nada.

A estética ten que basearse nunha complicidade entre o fondo e maila forma. Ten que axudar a formar lectores sensibles sen que o pareza. Ten que intentar que se sinta o que se le, que penetre paseniño na conciencia lectora de quen ten o libro nas mans. Sen artificios pero como dardos que se cravan dentro e deixan pegada.

Textos coidados cunha linguaxe precisa, instalados na corrección sintáctica, na puntuación clara e limpa, con palabras / versos / parágrafos sinxelos –ou non tanto– pero tendo en conta que estamos falando de LIX. Iso si: endexamais simples.

Deben contaxiar o lector/a a través de imaxes ben construídas, que sacodan, que non sexan indiferentes e que o leven polas canles da curiosidade.

Temos que ser coidadosos e tecer un discurso coherenter cara a un lectorado en formación. Iso non debemos esquecerlo.

E, xa que logo, claridade expositiva, temas sedutores, imaxes poéticas belidas e a utilización artística da palabra ese tesouro que temos que salvagardar da fealdade e do vulgar que tanto dano fan á literatura. Esa literatura que se ve atacada, demasiadas veces, pola vulgaridade e pola falta de respecto a un lectorado que precisa referentes para darlle un certo sentido á súa vida.

[Texto em galego - Comunicação no I Encontro de Escritores de LIJ de A Casa do João]

DICAS DE ESCRITA

Literatura: uma reflexão ética e uma reflexão estética!
segundo Alfredo Gómez Cerdá



Alfredo Gómez Cerdá (Madrid, 1951) é um escritor espanhol principalmente de literatura infantil e juvenil. Formado em cinema (espanhol), deu os primeiros passos neste meio, mas é mais conhecido como escritor de obras para crianças e jovens, área em que se tornou um dos principais autores. Publicou mais de cem filmes e vários romances e contos; escreveu diversos roteiros para Desenhos Animados e BD; contribui para a imprensa e em revistas especializadas e participa em inúmeras atividades relacionadas com a literatura infantil e juvenil.

1. Sê honesto. E alguém me vai dizer: o que diabos a honestidade tem a ver com a literatura? Um escritor, José Ovejero, publicou há pouco tempo um livro, "Escritores delincuentes", no qual nos contava como alguns escritores famosos não foram um modelo de virtudes, pelo contrário, e alguns até foram para a cadeia, onde cumpriram pena, até por assassinato. Não me refiro a esse tipo de honestidade, é claro, mas à honestidade do ponto de vista literário. Escreve o que sentes, o que vives intensamente, o que te move e o que te mexe por dentro... "Sê honesto", repito-me muitas vezes. Escrever sobre outros assuntos não vale a pena.

2. Preocupa-te até à obsessão pela simplicidade. Simplicidade é o estilo literário mais sublime que existe - e o mais difícil, é claro. Simplificar consiste em dizer a coisa certa com as palavras certas. O estilo literário de qualquer escritor que se preze deve ser um caminho constante para a simplicidade. Mas, geralmente, acontece o oposto.

3. Foi Bioy Casares quem disse que **todas as histórias do mundo podem ser contadas em duzentas páginas?** Bem, é isso mesmo. Ao princípio, o escritor acha que qualquer parágrafo da sua obra é indispensável. Com o passar do tempo, descobre que o seu trabalho pode melhorar bastante se apagar aquele parágrafo, e o outro, e aquele além... E quem não perceber isso será um pedante insuportável que morrerá asfixiado pelas próprias explosões.

4. **Faz perguntas a ti mesmo.** Este é um exercício essencial para um escritor. Tão importante quanto fazer abdominais para um atleta. Se um ser humano faz perguntas a si mesmo, pode encontrar as respostas ou pode descobrir que há coisas que não têm resposta. Mas se um escritor faz perguntas, estará a dar os passos essenciais para dar forma e significado a uma história, personagens, um enredo ... Um livro surge, em grande parte, da capacidade do seu autor fazer perguntas a si mesmo; não de respondê-las, é claro, sobre as quais falarei no ponto número cinco.

5. **Não dês respostas ou soluções.** Se houver alguma dúvida, ajuda o leitor a encontrar essas respostas. Um livro, como disse Kafka, deve nos agarrar-nos pelos colarinhos e sacudir-nos. O importante será sempre o abanão e a confusão. Para intuir a verdade, é preciso passar primeiro pela confusão.

6. **Não traias as personagens.** Não podes tomar partido por nenhuma delas. Que sejam elas quem discute, quem se justifica, quem age, quem erra, quem conta. Tu, autor, não julgues. Tu não podes trair nem a mais detestável de todas. Por exemplo, imagina a história de um assassino em série; ele será um ser repugnante do ponto de vista social e moral, mas não do ponto de vista literário. Não o julgues. Coloca-te no seu lugar e entende os seus motivos. A história da literatura está repleta de escritores traiçoeiros.

7. **Existem lugares que escondem uma história** e histórias que escondem muito mais do que podemos ver a olho nu. Procura esses lugares. Tu podes encontrá-los no fundo de uma xícara de chá, polvilhado com os restos de um *muffin*; ou subindo o rio Congo. Não esperes que os lugares, as histórias cheguem até ti.

8. **Dois olhares.** Olha para dentro. Busca dentro de ti: as tuas memórias, as tuas experiências, as tuas frustrações, os teus sentimentos.... Dentro de ti existe um universo literário. E cuidado. Olha para as pessoas que encontras todos os dias na rua. Repara no que está a acontecer ao teu redor. Esses dois olhares devem ser como uma broca e nunca devem parar no superficial.

9. **Não há dia sem uma linha escrita.** Grava esta frase clássica em casa. Na cabeceira da cama, na casa de banho, no lugar onde te sentas para escrever... Não há dia em que não escrevas nem seja só uma linha. Escreve pelo menos uma linha todos os dias e lê pelo menos uma linha todos os dias.

10. **Uma reflexão ética e uma reflexão estética.** É algo mais, a literatura e a arte em geral? Podemos dizê-lo por outras palavras, de outra maneira, dando voltas, com rodeios, adornando-o... Mas, no fundo, é apenas isto, não há mais, não há menos.

CURIOSIDADES LITERÁRIAS

Nunca desistir

O irlandês Clive Staples Lewis, mais conhecido como C. S. Lewis, sabia que, mais cedo ou mais tarde, seria publicado, porque acreditava em si mesmo como escritor. Por isso, não deixou de enviar os seus manuscritos para as editoras até que o seu primeiro livro fosse publicado. Recebeu cerca de 800 recusas, mas nunca desistiu. Hoje, é um dos escritores mais admirados e entre seus escritos estão textos como "As Crônicas de Nárnia" e "Cartas do diabo a seu sobrinho".



Manias de escritor

O escritor Edgar Allan Poe disse, numa entrevista, que seria muito interessante para os escritores contar o longo processo que os leva a escrever, que costuma ser cheio de manias, em vez de fazer os seus leitores acreditarem que tudo vem do trabalho, do talento e da inspiração.

Entre os *hobbies* de alguns escritores encontramos que Juan Ramón Jiménez precisava de silêncio absoluto para escrever. Tal era sua obsessão que revestia as paredes com cortiça, porque o canto de um pássaro, por exemplo, o desconcentrava.

John Cheever preferia escrever na cozinha da sua casa porque se inspirava melhor do que no escritório.

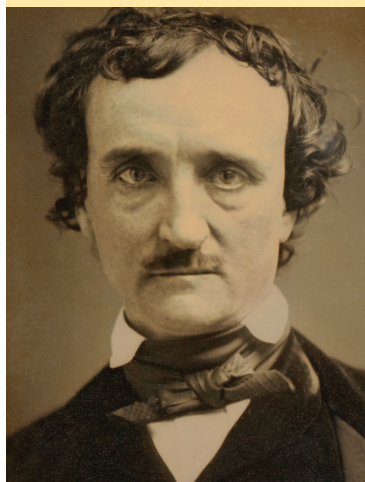
Gabriel García Márquez teve sempre uma flor amarela na sua mesa de trabalho.

Mario Vargas Llosa trabalha rodeado de estatuetas em forma de hipopótamo.

Ernest Hemingway usou sempre um amuleto: pé de coelho ou castanha.

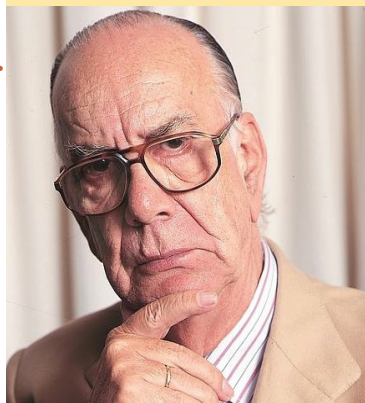
Carmen Martín Gaité usou apenas a caneta que herdou do pai.

Roberto Bolaño só escrevia à noite e com os seus fones de ouvido ouvindo *heavy metal*.



Um Prémio Nobel com humor

Assim que soube que tinha recebido o Prémio Nobel de Literatura, um jornalista questionou a Camilo José Cela se ficou surpreendido por receber o Prémio Nobel de Literatura, ao qual o escritor respondeu: "Muito, principalmente porque estava à espera do da Física".



Interromper uma sesta

Franz Kafka foi, uma tarde, visitar a casa de um amigo e, ao chegar, passou pelo pai do seu amigo que dormia pacificamente num sofá. Kafka quis desculpar-se, e de forma a não impedir o homem de retomar o seu sonho... levantou os braços e, cruzando a sala em ponta dos pés, disse baixinho: "Perdoe-me senhor, considere-me um sonho".



Os idiomas têm frases, ditos, expressões comuns com um significado claro para quem os usa, mas que te deixam «a ver navios», isto é, sem perceber nada. São as ditas «expressões idiomáticas». A língua portuguesa está cheia delas.

Meter o Rossio na Bestesga

A Rua da Betesga é uma rua estreita que liga, na parte sul, a Praça do Rossio à Praça da Figueira. Assim, meter uma praça grandiosa como o Rossio (com o Teatro D. Maria II, a estátua de D. Pedro IV, duas fontes, o Café Nicola e a Pastelaria Suíça, entre outros), é, portanto, impossível. Ora, meter o Rossio na Betesga quer dizer tentar algo impossível.

Favas contadas

Dizer que isso são favas contadas quer dizer que dada coisa é certa e segura. Costuma usar-se quando queremos dizer que algo vai acontecer com toda a certeza. Fica a saber que, na Grécia Antiga e no Império Romano, as favas eram usadas em votações: uma fava significava um voto a favor, uma fava preta era um voto contra. No final, os sins e os não's eram contados, melhor dizendo... as favas eram contadas!

Chover a cântaros

Chover a cântaros quer dizer chover torrencialmente. Ou seja, está a chover tão intensamente que parece estar a ser despejada de vários cântaros ou potes (que são vasos de barro ou metal para guardar ou transportar água).

Balde de água fria

Apanhar com um balde de água fria significa sofrer uma desilusão, uma decepção. Quando uma pessoa está à espera de determinado acontecimento ou coisa e sucede o contrário, sofre um choque comparado ao de um balde de água fria pela cabeça abaixo.

Não ter pés nem cabeça

Esta expressão significa estar a fazer, a pensar, algo completamente disparatado, incoerente ou despropositado. Algo que não tem ponta por onde se lhe pegue.

Não ter papas na língua

Esta expressão significa ser franco, dizer o que se pensa, sem rodeios ou medos. Dizer tudo à maluca. Sem ter na língua nada que nos impeça de falar, de dizer o que queremos dizer...

Pôr as barbas de molho

Desde tempos idos que a barba dos homens é sinal de prestígio e poder. Ora, pôr as barbas de molho significa acautelar-se para não as deixar cortar ou arder. Há quem complete este provérbio com uma frase que a antecede: «Quando vires as barbas do teu vizinho a arder, põe as tuas de molho».

Unhas de fome

Dizer que alguém tem unhas de fome significa dizer que é avarento, que põe mãos e unhas a tudo, não deixando nada para os outros que, assim, passam fome...

Ter dor de cotovelo

Esta expressão quer dizer ter ciúme ou inveja de alguém ou alguma coisa. Se bateres com o cotovelo em alguma coisa vais sentir uma dor muito forte. A expressão compara essa dor com o sentimento de inveja, que desagrada e incomoda como uma dor forte.



Eu sinto uma necessidade sem fim de aprender, de melhorar, de evoluir, não apenas para agradar ao treinador ou aos fãs — mas também para satisfazer a mim mesmo.

Cristiano Ronaldo

Odiei cada minuto de treino, mas não parava de repetir a mim mesmo: 'não desistas, sofre agora para viver o resto de tua vida como campeão'.

Muhammad Ali, boxer pelos Estados Unidos.

Quero ser lembrado no futuro como alguém que inspirou outras pessoas a fazer coisas que pareciam impossíveis.

Carl Lewis
atleta pelos Estados Unidos.

Aprendi desde menino que tudo na vida se consegue com luta e dignidade: correr com as pernas, aguentar com o coração, vencer com a cabeça.

Vanderlei Cordeiro de Lima,
maratonista pelo Brasil.

fracasso sempre me levou a tentar com mais entusiasmo na vez seguinte.

Michael Jordan,
jogador de basquete pelos Estados Unidos.

Jogamos com a cabeça e, quando precisamos, com o coração.

Hortência,
jogadora de basquete pelo Brasil.

P'ra escolas não há bairrismo,
Não há amor nem dinheiro.
Porquê? Porque estão primeiro
O Futebol e o Ciclismo!

António Aleixo
in "Este Livro que Vos Deixo..."

CITAÇÕES PARA PENSAR

Quem duvida que o desporto é uma janela importantíssima para a propagação do jogo limpo e da justiça? No fim de contas, o jogo limpo é um valor essencial no desporto!

Nelson Mandela
in *Discurso* (1997)

O desporto tem o poder de superar velhas divisões e criar o laço de aspirações comuns.

Nelson Mandela
in *Discurso* (1996)

O desporto é o único meio de conservar no homem as qualidades do homem primitivo.

Jean Giraudoux

O desporto pode criar esperança onde outrora só havia desespero. É mais poderoso do que o governo na destruição de barreiras raciais. O desporto ri na cara de todos os tipos de discriminação.

Nelson Mandela
in *Discurso* (2000)

"A essência da boa disciplina é o respeito. Respeito pela autoridade e respeito pelos outros. Respeito por si e respeito pelas regras. Essa é uma atitude que começa em casa, É reforçada na escola, E aplicada pela vida toda."

André Agassi

"Eu gosto de vencer. Posso aceitar perder, mas acima de tudo, eu gosto de jogar."

Boris Becker

"Como as nossas paixões pelos desportos são tão profundas e tão amplamente distribuídas, é provável que façam parte do nosso *hardware* - não estão nos nossos cérebros, mas nos nossos genes."

Carl Sagan

PARA BRINCAHARES

CONTINUAR O POEMA...

Se gostas muito de um poema, podes adaptá-lo e torná-lo teu, mudando-lhe as palavras e os pensamentos...

Ora vê o exemplo da *Lengalenga do Vento*:

Andava o senhor vento
um dia passeando
encontrou uma formiga:
– Senhor vento, que força!
Lá caí de barriga.

Andava o senhor vento
bailando no olival
quando viu um lagarto:
– Senhor vento, que força!
Já nem por aqui escapo.

Andava o senhor vento
correndo no jardim
quando ouviu uma flor:
– Senhor vento, que força!
Tenha pena de mim.

Andava o senhor vento
a rir pelo pinhal
quando ouviu uma galinha:
– Senhor vento, que força!
Uma pinha na pinha!

Então o senhor vento
foi para o alto do monte
e encontrou um moinho:
– Senhor vento, que bom!
Eu estava tão sozinho!

Andava o senhor vento
pé ante pé na vinha
quando avistou um cão:
– Senhor vento, que força!
Fui de focinho ao chão!

Andava o senhor vento
a brincar pela rua
quando viu uma cereja:
– Senhor vento, que força!
Não me empurre, que me aleija!

Maria Alberta Meneses (*Lengalenga do Vento*)

Agora eu:

Andava o senhor vento

encontrou _____:

– Senhor vento, _____!

Andava o senhor vento

encontrou _____:

– Senhor vento, _____!

Andava o senhor vento

encontrou _____:

– Senhor vento, _____!

Andava o senhor vento

encontrou _____:

– Senhor vento, _____!

PARA BRINCALHARES

PALAVRAS COLADAS

As palavras são uma bela ferramenta de diversão e de construção de sentidos...Tu podes decompor / recompor palavras de forma a reforçar o seu sentido ou a produzir outros. E, depois, podes construir um texto para elas ou a partir delas.

Ora vê estes exemplos do livro *Cronicando*, de Mia Couto (Ed. Caminho)

O falcão: já viram os olhos como são felinos? Certo seria chamar-se falgato.

O macho da catatua: o catateu.

O macho da gazela? O gazele.

A fêmea do elefante, a elefanta.

A mais bela cá na área? A canária.

E que dizer da ave que pia e logo se arrepende: a ave dos arrepios.

O pelicano. Como está magro: é só pele e cano.

Rectifico o albatroz: alba sim, atroz nunca.

Agora eu:

SOPA DE LETRAS

DESPORTO

G O R T B D L Ç A T L E T A X C E V T S
M L A N L C V P Z L R U L P B U D M P L
H I N W M U N Y B T M E G A O N A C T V
G M R J O G O E H Q X N W J R L N R H P
O P V G U C Y Q W Ç L V D M T A Ç A C B
E Í C O T D R E S S A P V S O Y A E K T
V A L T Ç L N J X J K F I N B G N I F H
S D H N B A S Q U E T E B O L Q E U L W
H A V E N Z P Y Q K R I M C U L T D O F
R S B M R A U X B Á T U A Y N S X N V U
N P I A M P V M E L K O V I A J Z E P T
C O S G Ç L H N Á W E J L L Á E P S J E
J I Q N S A V N R P L K W C F N M R V B
A H C O N R E V I T O P U N T E X N F O
R E B L G P A T W E B I N A E N L A P L
B L G O I O B G P T E U E D I K Y M W Ç
O Ç E R P S N O A S D P R O N A L D O I
L Á S P E X M L E O N W P E Y F R G S A
A B J W B J A O M T A Q C J A T H D L K
E L R Q H E Ç I E W S F X U C E S T O E

ANDEBOL	FUTSAL
ATLETA	GOLO
BASQUETEBOL	JOGO
BOLA	OLIMPIADAS
CANOAGEM	PASSE
CESTO	PENÁLTI
CICLISMO	PROLONGAMENTO
DANÇA	RONALDO
FUTEBOL	TAÇA

PARA BRINCALHARES

PARA DESENHARES

